FON FON
ANNO XXVI — N.° 39
Rio, 24 de Setembro de 1932
— PREÇO: 1$000 —
MC
932

Noite Adoravel

NOITE de alegria, de musica, de amor . . . Instantes divinos e inesqueciveis que um malestar fisico repentino — dôr de cabeça, de dentes, nevralgia, etc., pode perturbar.

Pelo sim, pelo não, devemos ter sempre comnosco a insubstituivel

Cafiaspirina

o remedio de confiança

que alivia as dôres com incrivel rapidez, sem afetar o organismo. » »

É tambem ideal contra enxaqueca, incomodos femininos, dôres de ouvidos, reumatismo, resfriados, etc. » » »

SE É BAYER É BOM

O conto brasileiro

DESILLUSÃO

DE GILBERTO VEIGA

A sala estava deserta. As cortinas baixas davam ao interior essa penumbra de sonho que envolve as coisas em extase. Sobre o piano mudo e negro e brilhante como uma grande mancha de charão, uma jarra de Sévres sustendo cravos de Petropolis a embalsamar o calido ambiente.

Mnemosina entrou. Com ella, raios de sol. Seus dedos finos puxaram os cordeis dos "stores", e os objectos sahiram, de um jacto, do torpor, do lethargo em que mergulhavam. Abriu o piano e, displicente, feriu uma tecla branca. O instrumento soltou, agudo, o primeiro gemido. Mais outro, outro mais, quebrando o silencio reinante. E Mnemosina, como uma *rosa morena* dos tropicos, descolla os labios e canta. Enche toda a sala de delicadissimas modulações pizzicatas. Trina como um canario loiro. Gorgeia como um sabiá amoroso. Geme como um rouxinol poetico. A flauta lhe invejaria a doçura do canto. O arroio sentir-se-ia humilhado no seu queixume módulo, na sua caricia leve de pedrouço em pedrouço. A garganta de oiro envolve, na sua suavidade, toda a luz que o sol bemfazejo jorra janellas a dentro. Seus dêdos nervosos correm sobre o teclado, tão ageis, tão de leve, que não parecem tocál-o. Subito pára. O tango a transportára. E, palpebras cerradas, bocca entreaberta deixando antevêr dentes claros como si fossem feitos de leite, mãos abandonadas, Mnemosian pensa. Pensa na sua terra. Na sua infancia trefega. Nos arroubos do seu coração quando o primeiro amôr o foi reflorir de lyrios. Vê-se, mira-se no espelho magico da sua imaginação. Relembra o desabrochar dos seus primeiros annos. Recorda, com um travo de saudade, o despontar da sua puberdade, envolta no mysterio, no desconhecido no incomprehendido. Depois, surgem, uma a uma, as desillusões. As desillusões da menina e as desillusões da mulher. De menina quando as bonecas ficaram para traz. De mulher quando o casamento dispar lhe engrinaldou a cabeça linda. Uma lagrima redonda e indiscreta assomou ás palpebras de velludo e veiu descendo, devagarinho, face a baixo, como uma grande perola immarcessivel gerada de uma estrella radiosa.

* * *

— Bom dia, minha filha.

— Bom dia, papaesinho.

E um beijo casto estalou na testa joven, sem rugas.

— Tens os olhos vermelhos. E choras! Que te aconteceu?

— Nada que mereça a preoccupação do meu papae. Pensava em coisas que não mais tornam, e fiquei triste. Coisas que não valem ser lembradas.

— Conta-me isso. Surprehende-me uma lagrima nos teus olhos sempre risonhos e sempre lindos. Não nasceste para chorar. A natureza te dotou de um espirito alegre e sobretudo irrequieto, nada propenso ás tristezas.

— A lagrima, papae, não é mais que uma grande magua liquefeita, ou uma grande alegria transbordante. A primeira sabe a eidra verde. A segunda cheira a myrra e tem gosto de uvas sazonadas.

— Mas, por que choras? E's moça e bonita. Tua estatura "mignonne" te dá uma tão grande attracção, que a gente tem desejo de acarinhar-te toda. Tuas mãos fidalgas nasceram para o beijo da homenagem, da vassalagem. Tua voz maviosa, e mais pura que a do gaturamo, completa a tua belleza physica, tornando-te quasi divina. Teu espirito é culto e tua intelligencia lucida e clara como as aguas de um ribeiro. Teu pae te adora e teu marido ama-te. Que te falta para ser feliz? Dize, não és feliz?...

— Nem tanto quanto o poderia ser. Falta-me, infelizmente, o grande amôr da minha vida. Eu sou assim como um pássaro numa gaiola de oiro, a que roubaram a liberdade. Tendo tudo, tudo lhe falta. O amôr não accende em minha

(Continúa na pag. seguinte)

RIVAES

CHAMAVA-SE Isaija e havia nascido em um desses povoados que se extendeu como náiades ao longo do doirado Danubio, entre Belgrado e as Portas de Ferro.

Alguns pretendia que era semita, em virtude de seu nome de consonancia um pouco biblica. Mas tinha claros olhos de slava sensual e fria.

Claudio e eu a tinhamos applaudido interpretando na obra posthuma de Puccini o tétrico e subjugante personagem da princeza Turadot, e cada um de nós lhe mandára uma cestinha de flores identica afim de não influenciar em nada sua preferencia para um ou para outro.

Ambos tinhamos vinte annos, e, embora reconhecessemos que podia oscillar entre nossos méritos comparados, julgavamos impossivel que pudesse olhar-nos com indifferença.

Isso occorria em Abazzia, pittoresca cidade circumdada de montanhas e banhada pelas aguas do Adriatico, cujas praias augmentavam sua belleza com sumptuosos e luxuriantes jardins.

Cada um de nós recebeu um cartão que continha uma só palavra: *Venha*.

Claudio queria que nos apresentassemos em horas differentes. Mas eu sustentei que era mais simples e leal afrontarmos juntos e sem astucias o ser privilegiado que nos sorvia a alma.

Idéa ridicula, reconheço, mas amplamente justificada por nossa louca paixão.

Isoija recebeu-nos com a graça indifferente que a caracterizava na O'pera em seu magnifico papel de princeza asiatica. Com gestos amaveis de verdadeira princeza, serviu-nos ella mesma o chá e deliciosos doces, sem deixar de sorrir e apparentando não ver nossas mãos trémulas de emoção e nossos olhares febris.

Escutava nossas palavras um pouco cerimoniosamente, como ausente. E, de repente, depois de aspirar voluptuosamente o perfume de uma rosa bulgara, nos disse, com sua voz musical:

— Meus amigos, vocês são dois rapazes encantadores, e eu, francamente, começo a aborrecer-me aqui.... Façamos um cruzeiro de férias. Querem ?... Meus compromissos artisticos obrigar-me-ão a estar em novembro no Cairo... Daqui até lá...

E fez um gesto amplo, como para coroar a phrase interrompida, dando a entender que dali até lá sua vida nos pertencia...

Terminava setembro. Claudio e eu tinhamos dinheiro de sobra e estavamos terrivelmente apaixonados pela bellissima e enigmatica soprano.... Quatro dias depois, a costa dalmática deslisava abrupta e mysteriosa, deante de nossas tres *chaises-longues*, no convéz de um paquete de luxo.

Embriaguez das horas matinaes sob a presença da ponte molhada para os sports pueris ! Melancolia dos crepusculos, durante os brancas rocas da costa pareciam arder entre o céo cobalto e as aguas esverdeadas ! Febrees das noites que nos permittiam breves entrevistas a sós, como fuga rythmica para as trevas e a oração murmurada á flôr do labio !...

Durante semanas e semanas observámos escrupulosamente o pa-

DESILLUSÃO

(*Continuação*)

carne vigorosa o desejo e a ternura. Não amo. Sou amada ? Talvez. Mas a que inaudito sacrificio se impõe a alma ao amor não sentido! Tenho tudo, bem sei. Mas, dolorosamente, não sinto nas veias os transportes e os arroubos do pequeno, divino e meigo Cupido. Como ser feliz ? Fingindo ? Outra coisa não tenho feito. Nem assim a ventura me bateu á porta. Os risos que me sahem da bocca como uma chuva de guizos e enchem toda esta casa se crystallizam em lagrimas logo que o isolamento se faz em tôrno. O meu canto não tem a pureza nem a vivacidade de antanho : é triste como um pôr-de-sol. As minhas noites são vazias e longas. Dolorosas. Meu marido tem um somno que faria inveja ao mais ocioso dos homens. Quando eu era solteira, ao menos, enchia as minhas noites de poesia. E minhas vigilias eram suavemente supportadas. Sonhava acordada e sentia-me bem, sentia-me venturosa. Agora tudo mudou, porque as illusões se foram como outras tantas pombas de que nos fala o poeta. As convenções sociaes obrigam-me ao sacrificio maior que se me podia impôr : supportar um amôr que não sinto e, o que é muito peor, fingir

De J. Ad. Arennes

...cto perigoso: procurar agradar a Isaija lealmente, a caras descobertas. Mas Claudio se impacientou, e uma manhã me disse que eramos estupidos.

Bello descobrimeento !... Como si a estrategia dos suspirrantes do amor não constituisse, através de todas as idades, um espectaculo decididamente comico e ingenuo!...

Nesse mesmo dia julguei notar que, ao caminhar para nós, um dos camaroteiros sorvia, emquanto, batendo vigorosamente o "gong", annunciava a hora do jantar com a mesma gravidade com que um almirante commandava sua frota... Disse-o a Claudio e seu orgulho julgou ver ironia nesse sorriso. Bastou isso para que se desencadeasse o frenesi que durante tanto tempo levavamos occulto. Tive que interromper-me com toda energia, pois, do contrario, teria atirado ao mar aquelle pobre homem.

Emquanto Isaija nos deixava sós, o ciume, a inveja e o rancor levavam meu amigo a deploraveis excessos de palavras. Vi-me obrigado a dizer-lhe que não era bom jogador, que se tornava injusto. E elle se aborreceu, e me injuriou gravemente, baixamente... Eu, encolhia os hombros, sem dar importancia a seus insultos e dissimulando minha contrariedade. Mas isso só serviu para exasperal-o de novo, e então tive que responder-lhe severamente, com toda energia.

Desde então, só nos dirigimos a palavra quando estavamos em presença de Isaija. Deante della apparaciamos como os melhores amigos do mundo, porque ambos receiavamos que, si se manifestasse nosso aborrecimento, a situação se tornaria insustentavel.

Embora desejassemos que nossa bellissima princeza concretizasse, por fim, sua escolha, secretamente não podiamos deixar de temer o desenlace, que talvez significasse o fim de nossa encantadora vida ao lado daquella mulher soberana.

Ah, a violencia daquellas refeições, durante as quaes o furacão das aspas dos ventiladores fazia palpitar os loiros e deliciosos cabellos de Isaija, violencia dissimulada por uma falsa e turbulenta alegria, desafiando-nos com os olhares assassinos ao offerecer-nos as taças de champagne!... Ah, a eloquencia de Claudio quando contemplavamos a preguiçosa langui-

O NOVO-RICO — Esta é a dentadura que fiz para o duque de Altas Torres. Trinta e dois dentes de ouro!

— Pois o senhor me faça outra igual, mas com sessenta e quatro dentes.

(*Continúa na pag. seguinte*)

DESILLUSÃO

(Conclusão)

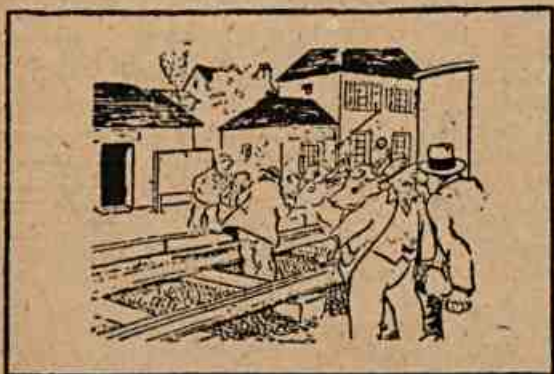
esse mesmo sentimento e architectar affectos irmães.

— Mas, querida, a escolha não foi tua ?

— Sei lá! Caprichos do coração ou coisas do tempo. De qualquer modo, queixando-me apenas da fatalidade, vejo-me tolhida de soltar um gemido, de murmurar uma queixa. Devo calar, calarei. Devo sorrir, sorrirei. Devo mentir, mentirei. Mas a felicidade é morta. Jaz por terra como um punhado de limo. Que importa isso, si devo parecer feliz ? Eu sou para o meu marido um objecto de luxo, uma figura de "bibelot", um vaso precioso ao qual se deve ter o maior cuidado. Apenas isso. Pois serei esse objecto de adôrno da sua vaidade ! Mas, queira Deus que eu sempre pense assim !

E Mnemosina, abrindo a bôcca vermelha como o calice de uma *rosa morena*, tropical e linda, deixou passar por ella uma grande risada de dôr. O piano aberto, mostrando sua enorme bôcca ornada de grandes dentes de marfim, tambem sorria. Um sorriso feroz de escarneo e menosprezo. E, ella, ferindo novamente o teclado ironico, encheu, de novo, os ambitos da sala com o seu canto divino, claro e doce, repassado de angustia e repleto de amargura...

Numa noite deserta

O teu amôr bateu á minha porta
numa noite deserta, de abandono...
Minh'alma foi abril-a quasi morta,
quasi morta de tedio, pranto e somno.

MODERNISMO — E essa junta de bois sobre o leito da estrada de ferro, que significa?
— A locomotiva de emergencia.

O teu amôr entrou pela minh'alma
numa noite de calma
e dominou a minha vida
como a força hypnotica de um veneno.
E' por isso sómente que ainda peno
nesta existencia trágica e suicida.

Eu vinha de uma grande enfermidade,
e era orphão da Felicidade...
Nada tinha de mim, nem do mundo; sozinho,
ia contando as horas, devagar,
e não posuia, ao menos, um carinho,
nas horas mortas, para me affagar!

Foi assim, nesta grande anesthesia,
neste ambiente tristissimo e funereo,
que eu vi o teu amor naquelle dia,
quando bateste no meu cemiterio!

E eu vi, depois, pelos crepusculos nevoentos,
pelos occasos trágicos, sangrentos,
o funeral das minhas fantasias,
enfadonhas, sombrias,

RIVAES

(*Continuação*)

dez das ilhas de Iona sob a chuva de fogo de uma tarde caliginosa, emquanto que a próa parecia ferver e as varandas queimavam as mãos imprudentes!...

Isaija, reclinada entre nós dois sob o toldo do convés, nos reparava com seu corpo esculptural. Mas eu ouvia as injurias que sahiam dos labios de Claudio. Então, abria um leque, e, como para apagar o insulto que fluctuára por sobre sua figura repousante, enchia de ar morno a garganta da adormecida... Ella abria apenas os olhos e me recompensava com um suave sorriso. E, no mesmo instante, qual jogo de prestidigitador, nas mãos de Claudio apparecia outro leque, que começava a atirar ar.

Nem siquer a serena hora crepuscular acalmava meu exaltado amigo. Parecia comprazer-me em soffrer *a priori* pelas palavras que eu receberia de nossa amada durante o jantar e as vezes que Isaija consentiria em dançar commigo, depois.

Uma tarde, fizemos escala em uma ilha encantadora, que cheirava a rosas e a resina. Tentou-nos o banho naquella pittoresca praia. Eu nadava melhor que Claudio. Levei nossa princeza para bem longe como para que elle não nos pudesse seguir, e, quando fizemos pé sobre uma roca á flôr dagua, confiei a Isaija que ella já prolongava muito nossa tortura e nossa esperança. Extendida sobre as algas que suavizavam a aspereza da pedra, ella me escutava com os olhos entornados. A's vezes, a agua, — tela transparente — cobria seu corpo de estatua.

Isaija vestia uma roupa de banho prateada e succinta. E, assim, languida e silenciosa, parecia uma sereia moderna.

Eu lhe falava com o extase dos encantadores pescadores da fabula.

Antes que a noite violeta do Oriente cahisse sobre nós, tivemos que voltar.

Eu desejaria que nossa conversação ardente não terminasse nunca; que os que comem nunca nem inquietam nem pelos dias, nem pelas noites, nem por nada... Mas a esplendorosa sereia deixou-se abraçar novamente pelas aguas sombrias, e regressámos á praia.

Claudio não nos havia esperado. Para onde o levára seu rancor?...

Isaija resolveu que jantassemos em um albergue de pescadores. Nunca imaginei refugio semelhante. Nem camareito, nem champagne... nem Claudio.

Levado de meu alvoroço ao encontrar-me a sós com aquella mulher idolatrada, propuz-lhe não voltarmos ao vapor muito concorrido e viver, ella e eu, naquella humilde praia, entre aquella gente simples e candida. Invoquei os poetas, Byron, Lamartine. Fui lyrico, mais apaixonado que nunca, eloquente...

Quando acabei de falar, minha amiga inclinou a cabeça sobre meu hombro, beijou-me docemente nos olhos e suspirou:

— Esperas muito de mim, pois esperas a felicidade. Porventura pensas que existia creatura capaz de offerecer esse impossivel?...

debeis, fraquissimas, febris...
E eu vi, depois, o quanto era infeliz,
quando vivia só, horrivelmente só...
tudo ao meu lado era ruina e pó;
ouvia-se na noite umas estranhas vozes,
uns gemidos atrozes,
uns gritos subterrâneos e profundos
que pareciam vir dos mais distantes mundos...

(Eram os gritos da minh'alma sem amôr,
onde morava eternamente a Dôr!)

De repente, um clarão se fez, como um lampejo!
Ouviu-se um som... Era a harmonia do teu
[beijo.
crystallizando umas canções serenas...

Depois... depois, apenas
a eterna historia, sempre repetida,
de um poeta louco.
Teu beijo envenenou a minha vida
e a illusão que me déste durou pouco...

E o teu amôr bateu á minha porta,
numa noite deserta, de abandono...
Minh'alma foi abril-a, quasi morta,
quasi morta de tedio, pranto e somno.

OSWALDO GOUVÊA

— Encontrei uma prata de mil réis debaixo da mesa, Maria.

— Já o sei. Colloquei-a ali para ver si a patrôa é honesta.

Ah, és um menino muito impulsivo e crédulo..., e amanhã serias cruel!...

Eu protestei, exaltado, tomando-lhe e beijando-lhe as mãos com avidez.

— Enganas-te, Isaija...

Tudo está em ti, divina!... E's a propria felicidade!...

Ella se levantou. Queria voltar ao palacio fluctuante, cujo rosario de luzes traçava uma luminosa grinalda sobre o mar. Eu sentia-me extasiado e, ao mesmo tempo, furioso. E, apesar de minhas supplicas, Isaija me obrigou a partir.

Uma vez a bordo, emquanto procedia á minha toilette nocturna, entrou, Claudio em meu camarote. Estava demudado, livido...

Sentou-se em uma cadeira, sem proferir palavra, e pareceu reflectir...

Quando eu estava prompto para deitar-me, elle sacou do revolver e me disse, simplesmente:

— Apanha o teu, e subamos á ponte!

Nem por um momento me occorreu a idéa de recusar seu estranho e violento convite. Nossas almas, em absoluta inconsciencia, continuavam no irreal e no absurdo.

Depois de um insistente reclinar de cadeiras, nosso vapor levantou ferros e se poz novamente em marcha. O céo se havia nublado. O vento do sul trazia o ardor das areias africanas... Precisamente nesse momento vi que uma lancha a motor se afastava de nosso vapor, dirigindo-se directamente para a costa. Sua esteira nos enviava um adeus. Sobre a veloz lancha fluctuava um amplo véo branco. Bandeira? Despedida?... A escuridão da noite neblinosa não permittia ver bem.

— Contarei até vinte... — declarou Claudio, com voz sombria, já na coberta. — Depois assobiarei... Então, poderás disparar!...

— Está bem! — foi a minha resposta.

Nas palpebras, eu sentia ainda o calor daquelle beijo unico!... Amava a vida!... Estava certo de ser amado!... Creio que ouvi o signal. Juro que julguei ouvil-o!... Quantas vezes fiz fogo? Não sei!... As sombras que se distinguiam mal sobre o céo cinzento cahiram, de repente, como um véo.

Nenhuma piedade, nenhum remorso sacudiu meu coração...

Chegaram alguns marinheiros, agacharam-se e desappareceram com o corpo de Claudio.

Um delles disse:

— Feriram-no pelas costas!...

Como um ébrio, corri á cabine de Isaija. Estava vazia!... E tudo comprehendi. Ella havia fugido. Era a dama da canôa, que, momentos antes, se dirigira para a costa... A dama do amplo véo branco...

Precipitadamente, espiei para o mar. Pelo olho de boi só se percebia o pharol vermelho da prôa da lancha. Nem o véo, nem a costa...

Só então senti que apertava em meus dedos a arma ainda quente.

Isaija fugira como uma sombra mais entre as sombras da vida, e, como desenlace de nosso amôr truncado, só restava o corpo sem vida de meu joven amigo, que crescia em minha imaginação, interrogador, como a querer desentranhar o secreto arcano das coisas inaccessiveis. Nem o véo, nem a costa...

CHRISTE (?) — Hum! Aos quinze annos, V. Ex. já é uma creatura tão desilludida?... E' de estranhar. Confesso que na sua idade, a maioria das moças não fazem senão sonhar com bailes, artistas de cinema e automoveis. Mas, V. Ex. está desencantada... E' pena.

A sua carta é bem explicita.

"Caro Yves: Depois de muito meditar resolvi escrever-lhe. Tenho sómente 15 annos. E' nesta idade que a illusão mais nos prende em seus braços traiçoeiros, dando tudo o que precisamos para uma felicidade completa.

No entanto sou triste e bastante triste. Muito embora não saiba ao que qualificar essa tristeza, não posso deixar de dizer que ella existe.

Queria que me dissesse porque a minha alma é insaciavel e sempre deseja mais do que posso dar-lhe? E' uma pergunta bem exquesita, não é? Mas é a unica que debalde, tenho procurado resposta em mim mesma.

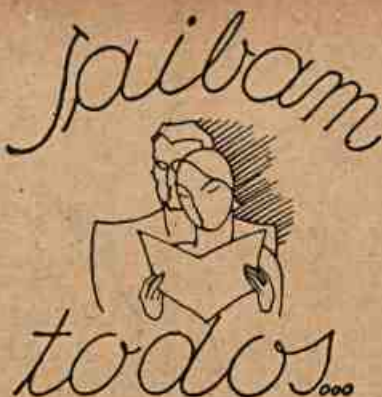
Não podendo satisfazer o meu coração, apelei logo para o seu espirito prescrutador.

Espero humildemente ser atendida.

Adeus! Recebe de longe, muito de longe, os votos de felicidade que lhe envia a

Christe".

V. Ex. me pergunta porque é que a sua alma é insaciavel... Antes de tudo, é necessario esclarecer de que essencia é feita a alma de uma mulher... Até hoje não sei como definil-a. Os poetas dizem que ha almas (femininas) que são de ferro, de aço, de bronze, de marmore e outras de borracha... Si a sua é de carne e osso, (?) e é insaciavel como um Moloch, e tudo devora, facilmente, eu lhe aconselho a fornecer-lhe um vasto menu á brasileira, no qual entre uma feijoada completa, acompanhada do bom vinho verde do querido Portugal. Si ella permanecer insaciavel, dê-lhe, por cima, um cosido, rico de legumes. E' verdade que haverá o sério perigo de uma indigestão. Mas, a *insaciabilidade* passará, com certeza.

Desculpe esse conselho culinario, digno, muito mais das paginas d'*A Cosinheira*, do que do *Saibam todos*... Mas é que aqui não costumo deixar sem remedio as almas soffredoras, quer ellas se alimentem de sonho e perfumes, quer se nutram de macarronadas e aboboras.

R. P. (?) — Um poeta? Não é de admirar que appareça aqui um poeta, mais um bardo, para usar linguagem passadista...

O caso, porém, é que o sr. apparece de um modo que nada o recommenda como artista. 1º — porque, um artista não escreve uma carta num retalho de papel, de maneira prosaica; 2º — porque o seu soneto está aleijado

Vejamos, primeiramente, a sua missiva. Eil-a:

"Snr. Yves. Neste mesmo envelope encontrará, juntamente com o coupon exigido, um dos meus sonetos e que espero ver publicado em "FON-FON".

O luar que me inspirou foi o de uma adoravel noite em meu Ceará, na Praia de Iracema, onde a luz artificial não empana o brilho sereno e leve do luar nem o barulho da cidade arranca o espirito de seus devaneios poeticos."

Depois da missiva, impõe-se o soneto (?) ou melhor, o aleijão do *soneto*...

NOITE DE LUA

Noite de lua, noite de estesia,
De fantasias, sonhos e de espera...
Vaga na immensidão a lua branca
[e fria,
Erra no pensamento mistica qui-
[mera.

Noite de romantismo, terna, do-
[entia;
Perpassa pela propria atmosfera
Nota triste, distante, fugidia
Duma antiga canção de primavera.

A lua se eleva, o espirito divaga
Goticos templos de sagrado rito,
Caricia embaladora nos afaga

E na doce solidão, na terra calma
Erradios flutuam no Infinito
Farrapos de emoção, pedaços de
[alma...

Como vê, caro poeta, o sr. em nada honrou as bellas letras cearenses, que possue tão illustres e notaveis representantes, — ahi em Fortaleza e em todos os recantos do Brasil.

DESIRÉE (Espirito Santo) — Já por varias vezes, tenho escripto que esta secção é feita para auxiliar e distrair os leitores. Não é um consultorio banal de perguntas e respostas, a poetas de versos maus e a senhoritas que pedem conselhos sobre o amor. Não.

O *Saibam todos*... é uma pagina de *bric-à-bric*. Nella deve haver de tudo, sendo para todos e... para *todas*...

Assim, é perfeitamente explicavel que aqui appareça a sua carta, tal qual V. Ex. a escreveu. Direi, porém, que a publico, menos pelos conceitos expendidos a meu respeito do que pelas suas idéas avançadas, de moça intelligente e, possivelmente, bonita.

Ora viva!

Leiamos a missiva:

" Snr. Yves ou B. Portella. O meu saudar. Acabo de ler sensibilisada o seu romance "Uma Garçonne Carioca" — o que me leva agora — sem o conhecer, sr. não pela secção de "Saibam Todos" do "Fon-Fon", a lhe escrever e admirar.

Ha muito, e para que mentir? — sonhava com a leitura de seu romance, até que um dia, por misericordia de Deus, apossei-me delle, emprestado aliás de um amiguinho meu, o qual, hesitou a principio de m'o dar, allegando não ser recommendavel para moça, porem, a minha insistencia de *mulher bonita*, (como me acham os homens) foi tanta, que acabei vencendo...

E porque prohibil-o, si em outras occasiões, li a critica de certos escriptores, mais razoaveis e compenetrados da moral e da literatura, recommendando-o? Lo-go não fiz mal nenhum em lel-o, mormente agora que o comprehendi.

E que obra prima, meu illustre poeta, instructiva e pro-moral! Francamente estou fascinada... Nunca julguei que ella fosse me sensibilizar tanto! E que estou vada que não fora Maria Lucia!

Emfim, devo dizer-lhe que o seu romance agrada. E' proprio de toda moça que precisa conhecer os homens do nosso seculo XX, porque nelle não existe a immoralidade supposta, immoralidade essa, attribuida ao mesmo por outros escriptores, um tanto invejosos e despeitados mas sim, uma bella lição para o lar, para as moças

que vivem á mercê do artificio do luxo, das coisas bonitas e superficiaes desta nossa Sebastianopolis tumultuosa, donjoanesca e romantica ! Uma cidade tão linda, mas que é devassada por galanteios de certos homens imprestaveis e despreoccupados, os quaes, só buscam no amor clandestino o seu sonho, desviando assim innocentes creaturas, para depois abandonal-as á sua lamentavel sorte, findando tudo num epilogo triste (para a moça).

A idéa feliz que você teve em descrever o effeito do desquite, quando esse não tem outra significação senão — pura separação de "corpos" — corrompimento dos sentimentos nobres — empolga mais a sua "Garçonne". Parece que V. já foi desquitado alguma vez e arrependeu-se (quem sabe?) pois fala desse thema com tanto acerto !...

Refere tambem ao divorcio, mas não como é feito aqui no Brazil, que só contribue para a desorganisação da familia, e sim, aquelle dos Estados Unidos, que dá liberdade ás nossas almas a escolheer, solidificando-as num amor mais puro e digno. Uma vez extinguido o amor que une uma mulher a um homem ou vice-versa, ou então de ambas as partes, não se deve viver enganando um a outro, num fingimento fino e hypocrita. A alma deve reclamar a sua liberdade com direito de viver-se mais pura e santificada, do que illudir e corromper-se.

Eis o que penso do divorcio.— Não se tem divorcio para duas almas que se amam mutuamente, mas sim para aquellas que vivem separadas milhares e milhares de milhas pelo coração, embora unindo-as o mesmo lar, o mesmo tecto, a mesma alcova...

Está V. de parabens Yves, de suas admiradoras pelo seu successo. V., além do que se esperava de um poeta sentimental. Pintou com perfeição e maestria, a vida, o perigo com que passam as "jeunes-filles" das grandes capitaes agitadas ! Ficamos portanto, devendo ao que você escreveu, esta lição dura, por que experimentou a desvirtuosa Maria Lucia, a imaginada Lucinha !

Em summa: Mais uma brilhante victoria sua, conquistada no mundo da literatura.

"Uma Garçonne Carioca" traça um novo caminho para as inexperientes filhas de Eva, mostrando-lhes a realidade da vida, sem exaggero e nem preambulos.

As minhas irmãs brasileiras, castas e sãs, devem procurar quanto antes o seu livro. Elle não fala de uma Lucinha só, a que levou

SAIBAM TODOS . . .

(Continuação)

* * *

uma vida irregular. Muitas outras Lucinhas, infelizes e indefinidas como esta, cahiram no mesmo erro, nas mesmas loucuras... Outras mais, estão para cahir, portanto é um dever moral para quem o recommendar.

Mais uma pergunta e termino:

— Quando uma mulher ama sinceramente a alguem, deve externar o seu amor por esse alguem ou calar-se ? E si esse alguem é "pirata" e desconfia não ser sinseramente correspondida por ella — o que deve então fazer ?

Espero responder-me pela S. S. T. a estas perguntas, caso esta carta não lhe aborreceu.

Aceita uma profunda admiração da

Désirée"

Collatina — Espirito Santo.

ROSA MORENA (Capital) — Ora muito bem ! O que desejei esclarecer foi o seguinte: si não me avisar, com antecedencia, sobre a sua honrosa visita, arriscar-se-á a não me encontrar na redacção. Percebe ? Apezar de estar aqui pela manhã e á tarde — de 1 ás 5 horas — acontece que saio frequentemente.

Como vê, o meu esclarecimento foi uma gentileza que tive para com quem me quiz ser tão amavel.

Gostou ?

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 24 - 9 - 932

Data da consulta.........

Nome do consulente.........

....

FLOR D'ALIZA (Capital) — Então, V. Ex. ainda me offende, mais uma vez ? Ora, isso é excessivo ! E' demasiado !

Não basta o que me disse pelo telephone ?

V. Ex. me attribue idéas e desejos funebres. *Vade retro !* Ave Maria ! Creio em Deus Padre !... Salve Rainha !... Padre Nosso !...

Escreve V. Ex.:

"Si já perdeu a alegria de viver e a esperança de ser feliz, cerre os olhos e o coração ao passado, esquecendo os sonhos que já teve, afim de viver apenas para o presente e o futuro, que talvez muita ventura esteja reservada para você..."

V. Ex. me fala como si se dirigisse a um velho desilludido e gottoso, — desprezado na vida. Creio em Deus Padre — outra vez ! Santa Virgem Maria !

Estou vendo que V. Ex. só me quer agourar para o mal... Si assim é, juro que irei a uma dessas macumbas do morro do Salgueiro, e mandarei fazer um *despacho*, contra V. Ex.

Livra !

Que não me trague e não se interesse por mim, é coisa que se póde explicar. Mas, que me attribua aquellas coisas tristes — Deus me livre ! E que vire o feitiço contra a "feiticeira"...

Certamente V. Ex. não me conhece ainda, e si sabe algo a meu respeito, é por informações de officiaes do mesmo officio" ou de "poetas" despeitados, que envio summariamente para a cesta...

Do contrario, não me faria um retrato tão horrivel. Physica e moralmente, já se vê.

Pois saiba V. Ex. que sou um homem de bôa saude, alegre, divertido... á custa dos outros; possuo bom figado, bom estomago e cerebro excellente. Faço gymnastica, tenho regular appetite, sei fazer uma serie de coisas bonitas e elegantes, (nos momentos de exhibição mundana, entenda-se bem:) sou moço não tenho espinha, nem sardas nem caspas; não sou conquistador; gosto muito "delia"; não costumo dar trote ao telephone; tambem não ponho annuncio nos jornaes, declarando desejar conhecer "senhorita honesta e bonita, que acceite protecção de senhor distincto e respeitavel"; não jogo no "bicho"; não bebo, não fumo; não converso fiado; não tenho a mania de fazer de bello Brummel; não imploro affectos, nem interesses literarios — uma vez que só me

(Continúa na pag. seguinte)

convém os do publico e os dos editores camaradas; não tenho inveja de ninguem; elogio todo mundo, mesmo os escriptores que se exhibem, em sociedade, como si estivessem no Jardim Zoologico ou em circo de cavallinhos; uso bons perfumes... O meu unico defeito, mais notavel, é ser analphabeto. Mas isso não tem a menor importancia, porque ha muita gente em taes condições, que não admittiria, jamais, se lhe fizesse uma pequena restricção ao talento (?)...

Depois de tão longa auto-biographia, espero que V. Ex. não tenha mais a menor duvida quanto á minha pessoa, e não se espante de que eu seja "um typo original"... No fim de contas, V. Ex. me obriga a falar de mim mesmo — o que é summamente cacête; e me força a declarar que, si eu não fosse original estaria ao nivel mental da sua manicure, ou de certos "almofadas", que andam de cabeça á mostra, (os sem-chapéo) para provarem que, de facto, não têm intelligencia...

Gostou? Si gostou, queira acceitar ainda os meus parabens pelo seu anniversario; e, para o anno, não se esqueça de enviar-me o seu nome e endereço, afim de que a felicite directamente, — e não á pessôa de uma simples leitora anonyma...

ENECÊ (Amazonas) — Ora viva! Sendo um poeta amazonense do sexo feminino, dá a impressão de ser uma poetisa brasileira do sexo masculino. E' isso o que se deprehende de sua missiva azul, em papel de linho perfumado.

Afinal, o sr. é um digno varão da terra das Yaras, ou uma formosa Eva, disfarçada com barbas

SAIBAM TODOS...

(*Conclusão*)

e calças... de casemira ingleza?... Vamos! Não me negue o seu sexo. Diz na sua carta:

"Yves, Am.° Sou uma obscura brasileira, num posto desta grande patria a mim confiado, aqui num longinquo rincbão. Como apraz-me ouvir algo de ti ou ler venho roubar alguns minutos do teu tempo com umas lettras que a ellas poderás dá um nome. Anciosa espero ler algo sobre qual a tua opinião a respeito dos "versos" junto, não sou poetiza e nem sei patavina de metrificação. Não seja muito justiceiro! applique a *massaranduba* com calma. Do admr."

LEVIANA

"Fomos nós que nos trahimos"

Qual subtil andorinha aproximar-
[se o inverno,
Fugira para alem nas ondulações
[vagas,
Para mundos ignotos, ás longin-
[quas plagas,
Deixando-me a duvida no pezar
[interno.

Na mudez solitaria d'um esperar
[eterno,
Scismando horas inteiras no cume
[das fragas,
Fico assim do mar a ouvir can-
[ções amargas
Trazidas pelo echo nas azas de
[galerno.

Odiando quero-a perto, e, nunca
[quero vel-a!
Detestando desejo-a sem jamais
[querel-a.
Maldigo a natureza porque a fez
[mulher!

Sucumbe o coração e a consciencia
[luta
Para salvar a honra que fora im-
[poluta:
Não existe lei, não ha direito nem
[perdão sequer.

Enecê".

Quanto ao seu *soneto*, eu acho apenas que elle tem o mesmo rythmo e o mesmo brilho de uma lista de "jogo de bicho". Exemplo:

Porco	— 500	Rs.
Camello	— 300	"
Macaco	— 600	"
Elephante	— 400	"
Burro	— 600	"
Veado	— 700	"
Cavallo	— 800	"
Total	— 3$900	Rs.

Ou lista de generos alimenticios:

Carne secca	— 1	k.
Batatas portuguezas	2	ks.
Feijão	— 2	"
Milho	— 3	"

Repare, caro poeta (ou poetisa?) na analogia que ha entre o seu poema ("excusez du peu"...) e as listas acima.

E' esse o maior elogio que posso fazer ao seu *soneto*...

MARIAH (Capital) — A sua carta me deixou magnifica impressão. E' pena que não lhe possa responder, com clareza, por uma secção publica. Bem sabe que ella é absolutamente confidencial.

Entretanto, dou-lhe o meu telephone, afim de que ouça, de viva voz, a resposta que me pede: 2-4136 do 10 ás 11 horas e de 1 ás 6 horas.

YVES

Notas de Arte

ORLOFF. — Na tarde do penultimo sabbado, 10 de setembro, realizou-se o 1.º recital do pianista russo Nikolai Orloff, com o seguinte programma: I) SCARLATTI — 3 *Sonatas*; SCHUMANN — *Estudos Symphonicos*; II) CHOPIN — 4 *Preludios*, 4 *Estudos*, *Nocturno*, *Scherzo*; III) PROKOFIEFF — *Toccata*; DEBUSSY — *Reflets dans l'eau* e *Toccata*; LISZT — *Feux Follets* e *Tarantella*.

Embora seja a 2.ª vez que nos visita, para nós foi uma estréa, pois não nos lembramos tel-o ouvido antes. Pelo menos, se o ouvimos não registamos as impressões que nos causou.

Deixou-nos agora as que costumam deixar os pianistas de escól, notaveis pela cultura technica e pelo valor esthetico. Mas não lhe descobrimos qualidades de tal sorte excepcionaes que nos levassem a qualifical-o de genial. O critico do *Morning Post*, de Londres — Francis Toy — se tivesse ouvido Guiomar Novaes, a "Paderewsky dos Pampas", como lhe chamam nos Estados Unidos, não teria escripto este conceito sem indicar pelo menos uma restricção: "Entre os grandes pianistas da actualidade Orloff é quem obtem do seu instrumento a maior expressão do sentimento." Não! Ha tambem Guiomar Novaes. E talvez não erremos proclamando que á genial pianista brasileira se applica melhor o juizo do critico britannico...

Mas assim pensando estamos longe de desconhecer toda a arte interpretativa, todo o poder emocional, a sensibilidade requintada de Orloff cantando o *Nocturno* e o *Scherzo* de Chopin. Evocou-nos nesses numeros a magia com que a incomparavel pianista brasileira vive os poemas do incomparavel musico polaco. Notamos ainda como primores interpretativos a *Toccata* de Debussy e os numeros finaes dos *Estudos Symphonicos*, de Schumann, dos *Preludios* e *Estudos* de Chopin, em que Orloff soube mostrar toda a malleabilidade do seu genio pianistico.

A assistencia não se cansou de applaudir. E os *extra* se succederam, sempre saudados por estrepitosas e merecidas palmas.

Na tarde de mercuridia, 4.ª-f., 14 de setembro e em a noite de sabbado, 17, realizou o grande virtuose slavo mais dois recitaes, com os seguintes programmas, além de varios *extra*: I) BACH — *Siciliana* e *Courante*; BRAHMS — *Variações e fuga sobre um thema de Haendel*; CHOPIN — *Ballada em lá bemol maior*, *Nocturno em dó-sustenido-menor*, *Mazurka em d. s. m.*, *Scherzo em d. s. m.*; RACHMANINOFF — *Preludio em sol maior*, *P. em s. menor*; SCRIABINE — *Poema* e *Estudo*; STRAWINSKY — *Dança Russa*, de "Petruchka"; — II) — Recital Chopin: *Andante spianato e Polonezza*, *Preludio em dó-menor*, *P. em mi-bemol-maior*, *P. em si-bemol-menor*, *Berceuse*, *Mazurka em dó-sustenido-menor*, *Scherzo em si-bemol-menor*, *Sonata em si-bemol-menor, op.* 35 (a da Marcha Funebre), *Barcarola*, 6 *Estudos*: *mi-maior*, *dó-menor*, *lá-bemol-maior*, *fá-menor*, *ré-bemol-maior*, *sol-bemol-maior*, *Polonezza em lá-bemol-maior*.

Através dessas exhibições deu-nos Orloff a impressão de mestre pela perfeição technica do seu *toucher*, mas não nos revelou no mesmo grão a expressão sentimental, a força communicativa a não ser quando executou peças destinadas ao cravo. Foi inexcedivel de belleza expressiva a *Siciliana* de Bach. Orloff fez o piano reviver momentos do clavecino, tal a finura, a delicadeza dos sons que conseguiu tirar do "rei dos instrumentos, se não existisse o orgão." As *Sonatas* de Scarlatti, do mesmo genero clavecinista, não as tocou com a mesma perfeição.

O Chopin de Orloff nem sempre nos pareceu dos mais dignos de memoria. Correcto, correctissimo, achamol-o no emtanto de pouca intensidade communicativa. A não ser os *Estudos*, os *Preludios*, a *Valsa* n. 2, tocada em *extra*, não nos sentimos bastante emocionados.

Além das que citamos peças de Bach e Chopin assignalemos ainda, como outros tantos modelos de execução e de expressão, os *Preludios* de Rachmaninoff e o *Poema* de Scriabine.

Mas com todas as restricções que se possam fazer, quanto á expressão, á força communicativa do artista, e que devem resultar da situação do espirito em que ficou

(*Continúa na pag. seguinte*)

Orloff surprehendido em São Paulo pela revolução que irrompeu nesse Estado e ainda perdura, a verdade é que nos deu elle bellos momentos de arte, provocando a admiração do publico, que não cessou nunca de o ovacionar, e pedir e obter successivos *extra*.

*

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS. — Lindo o vesperal de domingo, 11 de setembro, realizado no Theatro Municipal pelo S. C. S. Programma eclectico, em que se fez representar a musica allemã, com a *Protophonia* da op. de Wagner — "Mestres Cantores"; a musica brasileira, com *Ballet-Régnier* e *Joyeuse Chevauchée* (ambos em 1.ª audição), de

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

Carlos Mesquita; *Virgens Mortas*, de Fr.º Braga; *Anoitece*, de Alb.º Nepomuceno; a musica franceza, com a *suite* de G. Fauré — *Masques et Bergamasques*; a musica russa, com *L'automne*, do *Ballet des Saisons*, de A. Glazunow.

Com a costumada mestria, e talvez com mais enthusiasmo, com mais vida do que habitualmente, regeu a orchestra Fr. Braga. Foi violino de *Spalla* Oscar Borgerth. Cantou a conceituada professora, sra. Heloisa Blosm Mastrangioli.

A orchestra de Fr. Braga continúa a nos parecer mais disciplinada, mais cohesa, revelando assim o duplo valor do dirigente e dos dirigidos. Distinguiram-se mais especialmente os numeros dos *Mestres Cantores* e *Masques et Bergamasques*. Todos os themas da *Protophonia*, e todos os tempos da *Suite* tiveram interpretação verdadeiramente plastica: viam-se as fórmas sonoras, abrolhando da orchestra... Das novas peças de C. Mesquita impressionou mais *Joyeuse Chevauchée*, que foi bisada; mas preferimos *Ballet-Régnier*, embora vasada em velhos moldes. O *Bailado do Outomno*, de Glazunow, é um documento a mais do colorido exuberante que esmalta as melhores composições de russos e polacos, colorido que parece define, caracteriza toda a musica slava. *L'Automne* é musica modernista, mas não é musica extravagante.

Superando em poder impressionista, em força communicativa, tudo o que se ouviu no bello concerto da *Symphonica*, avultou a voz e a arte da sra. Heloysa Mastrangioli. A melodia *Virgens Mortas* encontrou na distincta cantora brasileira invulgar interprete. Aos predicados vocaes que a recommendam como bello meio-soprano juntou uma arte requintada no dizer; e cantou de tal sorte que o canto não foi prejudicado pela dicção, nem a dicção pelo canto. Ambos concorreram para o mesmo effeito de belleza. Não são muitas as cantoras que realizam em tão alto grão essa artistica harmonia. Sentimo-nos vivamente emocionados. *Anoitece* teve exito semelhante. E esta vez é de accentuar que a artista enfrentou uma orchestração mais rica, sonoridades instrumentaes mais intensas, que em *Virgens Mortas*, e sahiu-se galhardamente. A sua voz não foi abafada pela orchestra; ao contrario, sobresahiu limpida e sonora, mantendo sempre a mesma excepcional e impeccavel dicção.

Emocionada pela belleza interpretativa, que deu mais realce á belleza das composições, a sala inteira do Municipal applaudiu com enthusiasmo a notavel cantora patricia. Houve mesmo quem se não contivesse e, exaltado, exclamasse — Bravo!...

*

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO. — Programma de excepcional relevo, o do 6.º concerto de assignatura da O. P. R. J., realizado no T. M. em a noite de lunedia, 12 de setembro. Beethoven com a *Protophonia* n. 3 da op. "Leonora"; Villa Lobos com as *Bachianas Brasileiras* (para orchestra e violoncellos com solo *ad libitum* — 1.ª audicção), dedicada a Burle Marx

e a *Philarmonica*); Ravel com o *Concerto para piano e orchestra*; Brahms com o *Concerto para violino e orchestra op. 77*; Wagner com a *Cavalgada das Walkyrias* — taes os autores e obras da serata musical, onde, além de uma orchestra de mais ou menos 80 professores, figuraram, como regentes, Villa Lobos das composições da sua autoria e Burle Marx de todas as outras, e como solistas, mme. Long no *Concerto* de Ravel e Romeu Ghipsmann no *Concerto* de Brahms. Dando á orchestra excepcional fulgor, avultou a harpa canora da sra. Léa Bach.

Embora nem todas as execuções conseguissem impressionar com a mesma intensidade, ou pela sua propria natureza ou por motivos occasionaes — dos quaes talvez a longura do concerto, que durou 3 horas, com pequenos intervallos, fosse um dos principaes — é de destacar as que obtiveram e mereceram enthusiasticos applausos: as *Bachianas Brasileiras* — de Villa Lobos e o *Concerto* de Ravel.

Villa Lobos surprehendeu-nos com a sua composição, onde parece que observou, inconscientemente talvez, o principio philosophico dos constructores de obras que não morrem: fazer o novo sem repudiar o antigo; construir o futuro baseado no passado. Foi a impressão que tivemos ouvindo as *Bachianas*, principalmente a primeira. Sente-se que o A. impregnou-se das licções do passado musical, symbolizado em Bach, e foi novo sem ser extravagante. O publico ovacionou-o com muita espontaneidade e com muita justiça. E' de notar-se a regencia toda de côr e muito expressiva.

O *Concerto* de Ravel foi mais uma vez pretexto para applaudir a celebre pianista franceza, gloria artistica do mundo contemporaneo, mme. Marguerite Long, que dá á obra do musico francez, excepcional fulgor. Como da 1.ª vez, foi bisado o *Presto*. Tanto este como o primeiro tempo, o *Allegro*, foram os mais ovacionados. São os mais vivos, nos quaes mme. Long accentúa magistralmente o que ha de ruidoso, de barulhento, de carnavalesco, na singular creação ravelina. Entretanto, deslocado embora na peça, o *Andante* é do mais bello lyrismo, tanto mais bello quanto ao piano de mme. Long junta-se a harpa da sra. Léa Bach para dar-lhe os mais encantadores effeitos.

Infelizmente, a sensibilidade contemporanea, cada vez mais revolucionada pela crise social que atormenta o mundo, tomada da vertigem da velocidade sem regra e sem rumo, tende a retrogradar aos tempos de antanho, e, em vez de gostar mais das creações em

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

que se exterioriza a alma educada nos requintes da civilização, não só industrial, mas tambem intellectual e moral, prefere o que lembra os vagidos do mundo sahido da selva, enfeitado com os adornos vistosos e sem gosto proporcionados pela cultura desordenada da intelligencia e da actividade modernas...

Romeu Ghipsmann secundou com brilho o exito da festa musical, tocando com agrado o *Concerto* de Brahms, muito especialmente o ultimo tempo.

Não esqueçamos a moldura do quadro. A sala do Municipal resplandescia. Flôres em botão e rosas que nunca murcham aromatizavam o ambiente musical com o perfume da graça e da belleza. Linda noite. Noite cheia de estrellas...

OSCAR D'ALVA

UM DRAMA ANTIGO

TUDO me parecia que estava igual. Apenas a macieira que se erguia deante da porta parecia muito mais velha. Um de seus ramos se quebrára, e o galho sêcco como que espiava para o interior da casa velha, procurando aquelles diabinhos que tantos annos antes trepavam por seu tronco e se fartavam de suas fructas.

Os bancos sempre estavam alli, ennegrecidos, cobertos de iniciaes gravadas a canivete. Até a cadeira do senhor Simão, apoiada contra a parede, parecia esperar que o velho apparecesse atraz da cortina verde, a arrimasse á mesa de pés desiguaes, tossisse um pouco e conversasse depois com sua voz rouca e inolvidavel:

— Hoje vamos ver quaes são os limites de...

Eram sempre os limites da Bolivia ou os afluentes do Amazonas.

Mas o senhor Simão partira para a viagem final, havia muito tempo.

Pobre senhor Simão!

Era hespanhol, de uma aldeia ignorada de Asturias. Deus sabe como foi dar á pequena escola de General Alvarado, quando os papás dos que lêem esta historia estavam lutando com os mysterios das quatro operações.

E a filha do senhor Simão?

Pobre Rosinha! Não tinha mãe. Talvez fosse por isso que o senhor Simão passava a vida escrevendo sua colossal historia das raças extinctas da America, com enthusiasmo, com afinco e desespero.

Uma vez, elle me chamou á parte e me disse, com ar de mysterio:

— Esta obra será um monumento de literatura historica, mas não o digas a ninguem ainda.

MINHA MÃE

Essa velhinha de alquebrado porte,
De mãos fidalgas e feições de santa,
Vive cuidando só da minha sorte
E, nos cuidados, é que se quebranta.

Buscando um bem que ao filho reconforte,
Os magros braços para Deus levanta.
E clama aos céos, e num clamor tão forte,
Que os céos aplacam minha dôr, que é tanta.

Sua cabeça transformou-se em neve
E eu não suppunha, nem sequer de leve,
Que ella soffresse como eu soffro então.

Alma ferida pelo desatino,
Eu volto a ser, ás vezes, um menino,
Que vae, tremendo, lhe pedir perdão.

HORACIO MENDES

O ladrão penetra, por engano, na casa do chefe da quadrilha...

Guardei o segredo durante trinta annos justos e agora creio que posso revelal-o ao mundo, como uma homenagem que me ensinou a ler e, sobretudo, a escrever, para minha desgraça...

— Ah!, si tu soubesses quão admiravel era a civilização dos mayas. Perico! — disse-me outra vez, esquecendo-se por completo de tomar-me a lição de geometria plana.

Minha admiração pela sciencia do mestre asturiano era sincera e profunda. Elle era um doce pastor daquelle rebanho de almas infantis, que não lhe tinham o menor respeito, mas que, em compensação respeitavam as iras de Rosinha, uma especie de leôa de Castilla em miniatura e que exercia um dominio absoluto, uma dictadura ferrea, no remoto povoado de General Alvarado.

O senhor Simão acreditava firmemente na escola da natureza. Muitos annos depois, algumas vezes pensei que foi um precursor de Rabindranath Tagore e que a pequena escola de General Alvarado, perdida entre os montes e trigaes, tinha pontos de semelhança com a famosa escola de Shantiniketan, onde floresceu o seu bando mystico do bengali.

Recommendava-nos o senhor Simão a contemplação meditativa dos phenomenos da natureza, a observação da vida das plantas, dos pássaros, dos campos.

Mas nós só observavamos os costumes dos jardineiros da horta e contemplavamos absortos a vida dos filhos de um rico chacareiro, que tinham cavallinhos, um alazão e outro castanho.

Mas estou divagando. Queria contar o drama da pequena escola de General Alvarado.

De H. P. Blomberg

Começou com a enfermidade de Rosinha, a leõazinha de Castilla, de cabellos negros e attitudes dramaticas apaixonadas, que faziam estremecer até o autor de As civilizações extinctas da America.

Um outomno, Rosinha enfermou de um mal mysterioso. Era de ver a angústia, o espanto, do senhor Simão. Abandonou completamente sua classe, deixando-nos todos entregues á contemplação meditativa da natureza e á expropriação subrepticia das fructas verdes da vizinhança, e sahiu á procura de medicos e curandeiros pelos povoados dos arredores, em um cavallo emprestado.

Era urgente trazer um medico da cidade. Mas, para isso, era preciso dinheiro, muito dinheiro, e por uma dessas coincidencias que costumam apresentar-se nos annaes dos povoados, o mestre-escola de General Alvarado não tinha um vintem nem ninguem que lh'o emprestasse.

Uma idéa salvadora nasceu na calva cabeça do senhor Simão.

Um dia, ao amanhecer, embrulhou cuidadosamente, em um jornal velho, os originaes de sua *Historia das civilizações extinctas da America*, o fructo de quinze annos de estudos, de lutas, de insomnias, de dissabores, de privações, e se dirigiu á cidade, disposto a vendel-os por qualquer preço, contanto que bastasse para convencer o medico da cidade que fosse curar a leõazinha de Castilla.

Era o sacrificio de sua vida. Na cidade saberiam apreciar aquella obra prima de literatura historica. Dal-a-ia um conto de reis, até por quinhentos mil réis...

GENIO GUERREIRO

Quando eu era menino, gostava immenso
de brincar de guerra
(Sempre tive a pretenção de ser homem
e, por esse motivo, me não distrahiam bonecos,
nem brinquedos desta natureza)-:
reunia, então, a gurysada da minha villa,
distribuia espadas e facões de páo de genipapo,
gorrinhos de papel, divisas de cordão,
confiava os postos entre os mais bravos,
e, em ordem de marcha, sahia:

"Marcha, soldado,
cabeça de papelão!
Si não marchar direito,
levará muito facão!..."

Emquanto o tambor surdo duma lata velha de gaz
rythmava o compasso da soldadesca
que, sob o meu commando (general em chefe),
partia para o campo das operações:
Plan-plan... Rata-plan...
Plan-plan... Rata-plan...

Mas, si passava uma nuvem de tanajura,
eu, com desprazer, via a diserção dos soldados,
que, sem me obedecer á voz de commando,
deixavam todo o material bellico,
para correr formando côro.

"Cae, cae, tanajura!
Teu pae e tua mãe morreram...
Cae, cae, tanajura!
Teu pae e tua mãe morreram..."

Tendo a alma presa de amargura,
como se fôra um general do Tzar,
sobrevivendo aos ultimos minutos da derrota,
eu assistia ao côro final dos meus infieis soldados
que, indisciplinadamente, continuavam:

"Chove, chuva,
no meu telhado...
chove, chuva,
no meu telhado..."

Leopoldo Lins

E sahiu, deixando Rosinha entregue aos cuidados de umas vizinhas.

Voltou uma semana depois. Mas não voltou só. Acompanhava-o a civilização dos mayas. O cavallo que lhe havia emprestado o dono do armazem marchava a passo, como que torturado sob o peso daquella grande civilização desapparecida, daquella angústia enorme e silenciosa que levava o coração do pobre historiador.

Na cidade, nenhum livreiro, nenhum editor quizéra saber daquelle monumento de literatura historica. Nenhum medico quizéra nem siquer pensar em ir a General Alvarado.

A leõazinha de Castilla morreu no dia seguinte ao do regresso do senhor Simão, emquanto nós contemplavamos a natureza e roubavamos maçãs verdes.

Pobre senhor Simão!

Nunca mais nos perguntou os limites da Bolivia nem os afluentes do Amazonas.

Durante alguns dias o vimos vagar pelo monte, entre os trigos, á beira do rio, com a calva cabeça ao sol, sem cumprimentar a ninguem, até que um dia ninguem mais o viu.

Fôra não se sabe para onde, fugindo do sepulchro de seu amor e de sua ambição. Só deixou atraz de si o túmulo da leõazinha de Castella e os originaes da *Historia das civilizações extinctas da America*, que ficaram sobre a mesa de pés desiguaes.

O vento que entrava pelas portas e janellas da escola abandonada dispersou as laudas manuscriptas daquella obra monumental, que durante varios dias se viram fluctuar como aves phantasticas, como sonhos perdidos, pelas ruas e pelas hortas do povoado...

A CURA

De MAX e ALEX FISCHER

FRAGMENTOS DO DIARIO DE SUZANA D'AFFADY.

Paris, 12 *de julho*.

FAÇO a mim mesma, dez vezes ao dia, esta pergunta:

— Suzana, Suzaninha, cabecinha loira, deves dar attenção ás assiduidades de Jorge de Catz?

E cada vez, antes de responder, vacillo um pouco.

E' provavel que me diga:

— Não, Suzana, não! Deves fingir que não comprehendes, que absolutamente não te agrada esse senhor... Sê fiel a teu próspero marido!...

Próspero, meu marido, é, infelizmente, o mais torpe dos maridos. Quasi sempre entra em meu *boudoir* precisamente nesse momento. Involuntariamente, o comparo, — elle, tão gordo, tão asthmático, com Jorge de Catz, tão bem proporcionado: nem muito gordo, nem muito magro... O homem que convém.

E penso:

Afinal de contas, Suzaninha, cabecinha loira, por que vaes desenganar Jorge Catz, e por que não te acostumarias á idéa... de que um dia... talvez...?

Paris, 16 *de julho*.

Esta manhã, o bôbo de meu marido foi consultar seu medico. Ao voltar, disse:

— Tu, sem duvida, não notaste o que me succede. Mas creio que, verdadeiramente, estou engordando demais. Consultei o medico, e elle me disse que com uma só temporada em Darieubad, conseguiria não continuar engordando. De maneira que, si não te desagrada o plano, poderiamos seguir para lá na proxima semana...

Esta noite jantámos em casa dos La Particule.

Como á sobremesa se começou a falar em villegiaturas, disse Próspero:

— E nós resolvemos seguir dentro de pouco para Darieubad, onde passaremos vinte e um dias.

A isso, com deferencia e firmeza, responderam uns e outros:

— Ah! Já?...

O candidato de minha mão esquerda, Jorge de Catz, voltou-se para mim, e, friamente, exclamou:

— Vão a Darieubad? Que agradavel coincidencia! Meu medico tambem me receitou, hontem mesmo uma temporada em Darieubad!

FRAGMENTOS DO DIARIO DE JORGE DE CATZ

Darieubad, 29 *de julho*.

FELIZMENTE, no modo com que madame d'Affady — ia escrever "minha Suzana" — me olha, julgo comprehender que a commoveu o ver-me acompanhál-a até aqui.

E si não fosse esse consolo, como eu sentiria a phrase que soltei, naquella noite em casa dos La Particule: "Vão a Darieubad? Que agradavel coincidencia!..."

Ah, que espantosa e que intoleravel existencia levo ha trez dias!

Desde a noite de nossa chegada aqui Affady me disse:

— Já que você tambem, amigo Catz, vae seguir o mesmo tratamento, podemos fazêl-o juntos, não é verdade? Será menos monótono.

Eu não sabia em que consistia o *tratamento*. Imprudentemente, me respondi:

— Naturalmente que podemos seguil-o juntos!

No dia seguinte, antes das oito, Affady começou a dar murros na porta de meu quarto.

— Levante-se, homem! Onde já se viu semelhante preguiçoso! Si dorme assim, não conseguirá emmagrecer!

Impediu-me de tomar meu habitual chocolate, e me fez ir com elle beber, em jejum, um copo de agua gelada.

Horror!... Depois que bebi meu copo de agua, pensei:

— Agora regressemos e, sentados em uma bôa cadeira, poderei fumar alguns cigarros.

Sim, sim! Mal nos haviamos afastado da fonte, Affady me perguntou, com a maior naturalidade:

— Incommodam-lhe os sapatos?

— Não. Por que?

— Quanto me alegro! Então andemos. Temos que andar toda a manhã, até fazermos quinze kilometros.

Quinze kilometros! E a pé! Quando ha automoveis, laudaus, coches com burros, cabras...

Extenuado, cansado, arrebentado, voltei ao hotel ao meio dia, no momento em que a campanha annunciava o almoço. E puz-me a comer. Mal começava, porém, a reparar minhas forças, Affady, com grande autoridade, me retirou o prato.

— Mas, que é isso, Affady? Por que me tira o prato?

— Comprehendo que você tenha fome. Eu tambem a tenho... No emtanto, não o deixarei commetter semelhante loucura. Para que nos servirá ter andado quinze kilometros e perder assim, não sei, vinte, trinta ou quarenta grammas..., si uma hora mais tarde você devora quinze sardinhas em azeite e ganha... que sei eu? sessenta, quarenta, cincoenta ou sessenta grammas?...

Quando sahimos da mesa, eu fui encerrar-me em meu quarto, e comi um pedaço de pão que consegui guardar dissimuladamente no bolso.

E assim levámos tres dias. Emfim, Jorge, não te desesperes muito... Todo sacrificio tem sua recompensa.

Ou tu não entendes nada da psychologia feminina, ou é bem provavel que, em nosso regresso a Paris Próspero Affady ganhará quanto queira no circulo.

FRAGMENTOS DO DIARIO DE PRÓSPERO D'AFFADY

Darieubad, 1.º *de agosto*.

HA duas semanas que estamos aqui.

Até agora, Catz e eu percorriamos somente quinze kilometros por dia. Sem prevenil-o, o fiz andar dezesete esta semana.

Que rapaz original é esse Catz! Palavra: nunca encontrei um homem de caracter mais versatil. Elle não era nem muito gordo nem

muito magro. Eu, em seu logar, não pensaria em emmagrecer. Emfim, cada qual com suas idéas, não é verdade?

De repente, um dia, resolvi vir passar vinte e um dias em Darieubard. Pois bem: desde que chegámos aqui, não cessa de incommodar-me sempre que o impeço de beber, comer, fumar, ficar sentado ou dormir.

Não ha justiça na terra. Eu não tenho o direito de queixar-me do effeito que me produziu minha cura até agora. Emmagreci tres kilos. Mas elle já perdeu quatro kilos e cem grammas.

Darieubad, 6 de agosto.

Cinco kilos! Parece que não é nada. Cinco kilos: o peso de um pacote do correio.

No emtanto, ninguem póde imaginar como muda um homem que emmagrece cinco kilos.

Ha dez dias, eu representava trinta e cinco annos. Hoje, o mais que apparento são vinte e cinco primaveras. Si eu continuar emmagrecendo, e rejuvenescendo assim, aposto como acabo ficando novamente criança...

Sinto-me de novo como um rapaz. Estou tão ágil e tão leve como na vespera de meu casamento.

Si eu pudesse perder ainda dois ou tres kilos!

Post-data. — Que sorte tem Catz! Emmagreci mais um kilo e novecentas grammas. Já perdeu, até agora, seis kilos. Sim, seis kilos. Pesa seis kilos menos!

Fragmentos do Diario de Suzana D'Alfady.

Paris, 17 de agosto.

REGRESSAMOS ante-hontem. Ficaremos alguns dias aqui, antes de sahirmos para Trouville.

Hontem, jantámos em um restaurante do Bois.

Naturalmente — como por acaso — na mesa do lado estava Jorge Catz.

Depois do jantar, aproveitando um momento em que Próspero fôra dar uma ordem ao *chauffeur*, Jorge de Catz se aproximou de mim e, revirando os olhos, murmurou:

— Você está bonita, bonita, bonita... Diga-me, querida amiga: permitte-me viver perto de você, sem que isso a incommode muito?... Deixe-me esperar, querida amiga, que um dia, talvez...

Vacillei um pouco. E, depois, perguntei a mim mesmo:

— Deves animar as assiduidades de Jorge Catz, Suzana? Deves dar-lhe esperanças?...

Meu marido, que decididamente é o mais opportuno dos maridos, voltou nesse momento. Involuntariamente comparei Catz, tão magro, tão pouca coisa, com meu querido Próspero, tão elegante tão bem proporcionado... Nem gordo, nem magro: o homem que convém...

Ah, não! Não devo permittir-lhe nada, nem deixál-o esperar nada! Que esse atrevido Catz evite soltar-me outra declaração. Porque, sem hesitar um momento, lhe responderei claramente:

— Um dia, disse o senhor? Nunca! Está ouvindo-me? Nunca!

Não, não... Deus me livre! Não! Não!... Um homem tão frágil, tão anguloso! Eu teria receio de quebrál-o... ou ferir-me...

Dr. Antonio Austregesilo.

Dr. Miguel Couto.

Dr. Aloysio de Castro.

Dr. Fernando Terra.

ANNO XXVI FON-FON NUMERO 39

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 24 de Setembro de 1932

TUDO PEQUENO...

ESTOU num dos meus dias em que acho tudo ao redor, pequeno. Nada vislumbro para encanto dos olhos.

E, insensivelmente, recordo-me de uma pagina formidavel de Papini, producto de situação analoga... "Surprehende-me e irrita-me — pois que pertenço a essa especie — o humilde contentamento dos homens. Falam a todo momento em grandezas — *the biggest in the world* — e a seguir se descobre que lhes parece immensa qualquer modesta pequenez. Falta, em absoluto, a todos, o senso do gigantesco. Falam como Sansões e agem como Tom Pouce."

Realmente.

Depois de passar em revista as coisas que o homem julga extraordinarias, Papini narra uma das suas grandes decepções: "Quando me vi pela primeira vez ao pé da Torre Eifel, não pude deixar de rir. Aquella deselegante jaula de ferro, que parece um brinquedo de engenheiros abandonada perto de um regato, era, realmente, a construcção mais alta da terra? E' de envergonhar ser homem e ter nascido neste seculo." A conclusão do raciocinio é perfeito.

O homem tem feito até agora uma exhibição minima da sua capacidade creadora.

Mas, possuido de immensa vaidade, suppõe attingir, tocar o céo, como Icaro, o glorioso Deus das alturas. E não se apercebe do *mesmismo* em que vive atoládo, absorto, contemplativo, repetindo phrases nas obras do pensamento, copiando, reproduzindo as coisas que são o producto do esforço material. Por isso, com a mesma displicencia, o homem amontôa pedra sobre pedra para ter a illusão de que trabalha, embora, em seguida, armado de instrumentos infernaes, deite tudo abaixo, numa ansia de destruição canibalesca, feróz, irreprimivel. Tudo pequeno!

Só a Natureza empolga, esmagando a nossa fantasia com o peso de uma terrivel incognita.

O homem rasteja cada vez mais. Faço-me comprehender? E' possivel, apesar de ter rabiscado estas linhas sob a influencia do eclipse lunar da semana.

E, para terminar, mais uma dose *papiniana*: "Por ora, só as palavras são de titan, mas as nossas obras são de formigas e de camondongos. Até as formigas nos pódem dar lições de grandeza. O homem moderno, apesar da sua jactancia, pensa como Guliver e não se apercebe de que vive ao nivel de Liliput."

Confére. Está absolutamente certo.

MARIO POPPE

Ensemble blanc et rouge. Robe et écharpe en marrocain. Béret en drap.

Tailleur noir et blanc. Robe en georgette. Jaquette de piqué. Chapau de georgette piqué. Garnitures de piqué blanc.

(Photos especiaes para FON-FON).

CONTRADICÇÃO

Tu fazes deste amôr uma aventura
interessante e fina, mas que passa,
sem vêres que me arrastas á desgraça,
pois que isso me aniquila e me tortura.

Tudo promettes, nada cumpres. "Jura!"
digo-te, e juras, mas com viva graça
ris, e me enches de fél toda uma taça,
que bebo, e que me mata de amargura.

Tu fazes deste amôr subtil capricho,
emquanto o coração transformo em nicho,
onde a alma inteira e firme vou depôr

Ah, não creias que o gôso de um momento
tenha o mél, a ternura, o sentimento
deste meu infinito e eterno amôr!

TUDO

Cette beauté tant cruellement sainte.

(Pontus de Thiard)

Olho os teus olhos, e já rio e chóro;
beijo-te a bocca, e logo morro e vivo;
olhando-te, sou livre e sou captivo;
beijando-te, óra córo, óra descóro.

Revoltado, blasphemo; humilde, imploro.
Aqui me arrojo; ali me sinto esquivo,
De refinado passo a primitivo
e óra é surdo o meu peito, óra sonoro.

Tua belleza tão cruelmente santa
isto me cansa, e minha mágoa é tanta
que eu a comparo só com o meu prazer.

E és tu, só tu que o meu destino guias,
embora não me estendas as mãos frias
e a sombra busques para eu não te ver

SYLVIO JULIO

O embaixador da Italia e exma. sra. Vittorio Cerruti, que domingo passado embarcaram para a Europa, a bordo do «Duilio», receberam, antes de deixar o nosso paiz, expressivas demonstrações de sympathia e apreço do governo brasileiro e da nossa alta sociedade. Sabbado, no Itamaraty, realizou-se o banquete de despedida que o ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, offereceu ao embaixador Cerruti, e no qual tomaram parte altas autoridades e figuras destacadas da diplomacia e do «grand-monde» carioca. A photographia do alto fixa um grupo tomado por occasião dessa brilhante festa diplomatica. Os outros aspectos são detalhes do embarque dos illustres viajantes.

O FALLECIMENTO DO EMBAIXADOR DO CHILE

Na maior data do Chile, que é a que assignala o anniversario de sua independencia, a 18 do corrente, falleceu nesta capital o embaixador daquelle paiz junto ao governo brasileiro: s. ex. o sr. dr. Nicolás Novoa Valdez.

Essa triste coincidência fez com que este anno fossem de pesar as mesmas visitas que a embaixada chilena recebe por motivo de sua grande festa annual.

O dr. Novoa Valdez, que havia apenas dois annos exercia o seu alto cargo no Brasil, onde, aliás, já servira como secretario de legação e encarregado de negócios, era um diplomata, no mais amplo sentido da palavra: pela intelligencia, pela cultura e pela fidalguia de attitudes.

Moço ainda, pois contara cincoenta annos de idade, desfructava de largo prestigio em seu paiz, onde, durante um lustro, prestou, no cargo de sub-secretario das Relações Exteriores, os mais relevantes serviços á diplomacia sul-americana, da qual, incontestavelmente, era um vulto dos de maior relêvo.

Escriptor, deixou publicado um livro que obteve grande successo dentro e fora de sua terra: Dos problemas sociales. Jornalista, militou durante muito tempo na imprensa chilena, secretariando o importante diario El Mercurio, de Santiago.

Sua acção á frente da embaixada do Chile no Rio de Janeiro foi efficacissima na obra de approximação dos dois paizes, e, por isso mesmo, tambem nesta capital gozava o dr. Novoa Valdez de grande sympathia, que se affirmou de maneira expressiva, nas manifestações de pesar com que foi recebida em todos os círculos sociaes, diplomaticos e culturaes, a noticia de seu inesperado passamento.

* * *

O governo brasileiro prestou homenagens especiaes á memória do illustre diplomata chileno, pedindo permissão á familia do extincto para realizar os funeraes a expensas do Estado, determinando fossem prestadas honras militares ao illustre morto e fazendo-se representar na ceremonia da trasladação do corpo da embaixada chilena para a capella do cemiterio de S. João Baptista, onde ficou depositado até ser transportado para o Chile, de accordo com o desejo dos parentes.

O embaixador Novoa Valdez na sua mais recente photographia. Aspecto tomado momentos antes do sahimento funebre. E a camara ardente armada no salão nobre da embaixada Chilena.

O corpo do embaixador Novoa Valdez ao ser transportado para o coche fúnebre que o conduziu da séde da embaixada chilena á capella do cemiterio de São João Baptista.

O RENASCIMENTO DE VENUS

(Continuação do numero anterior)

O concurso de belleza de 1932 — «Miss Brasil» — A eleição de «Miss Universo».

Por Bricio de Abreu

(Correspondente do Fon-Fon em Paris)

* * *

O Jury, composto de 28 membros, escolhidos entre jornalistas, pintores, esculptores, consules e diplomatas, iniciou os seus trabalhos, na grande sala das Thermas de Spa, sob uma agitação febril e uma discussão acalorada. Tinha-se a impressão exacta do «reconhecimento» de um deputado da opposição no antigo regime nacional brasileiro. Todos falavam ao mesmo tempo; berrava-se de todos os lados. Tudo porque um esculptor belga, Zuco, conhecido como o homem que «combate tudo na Belgica», o eterno «opposição», ao abrir a sessão, havia declarado:

— Peço licença para argumentar aos collegas que sou um esculptor e que tenho uma responsabilidade definida neste Jury e que, malgrado toda a bôa vontade, não tenho raio X nos olhos. Estou aqui, repito, como esculptor e tenho obrigação de votar e zelar pela fórma, pela belleza esculptural das candidatas. Como poderei, pois, cumprir com a missão que me é dada, si me apresentam essas moças vestidas e revestidas? Impossivel!... Proponho, assim, que todas as vistam de «maillot» de banho, e as que quizerem se apresentem núas com um «cache sexe»!...

Um alarido horrivel levantou-se na sala. A indignação era completa. Um cavalheiro qualquer, de longas barbas brancas, nascido ahi pelo anno de 1835, tremulo de raiva, com as faces congestionadas, dando murros na mesa, berrava:

— E' o cumulo!... Esse moço pensa que vem escolher modelo!... Isso aqui é um concurso de moças decentes!... Si quer ver meninas núas, case-se e não amolle!...

— O sr. é um asno de barbas! — bradou o esculptor.

A confusão era enorme. Eu exultava. Ia ver um «surumbamba» na Belgica... Mas tudo deu em nada e minha expectativa falhou. De Walleffe e Marquet, com energia, haviam posto ordem na sala. Fiquei exasperado. Decididamente, aquella gente não tinha o que nós no Brasil chamamos «educação politica», não sabia, nem numa reuniãozinha, dar dois tiros, uma cusparada, ou tres bofetadas!... Fiquei desalentado!...

Afinal, depois de tanta discussão, ficou estipulado que não haveria «maillot», nem «nú artistico», mas que nenhuma senhorita poderia se apresentar de «gaine» (cinta) ou «supporta seios». Um aviso foi feito ás «venus vestidas». Dizem que, quando mme. De Walleffe communicou isso ás «misses», a representante da Yugoslavia, uma das mais cotadas, pelo seu porte magestoso e lindo busto, desandou a chorar...

Vinte e oito paizes concorreram ao certame. A Europa em peso; da America do Norte, o mexico, os Estados Unidos e o Canadá; da do Sul, o Brasil, a Argentina, o Perú, a Colombia, a Venezuella; da Central, o Panamá; emfim, «Miss Antilhas», pela primeira vez, deu um «ar de sua graça». Todas eram lindas, com excepção de «Miss Polonia» e «Miss Rumania», que, não sendo feias, eram summamente antipathicas.

Existe no primeiro andar do Hotel Britannique, em Spa, o quarto onde Guilherme II foi obrigado a assignar a sua abdicação. Um minuto após, de cabeça baixa, atravessava elle o «hall» do hotel, afim de tomar o auto que o devia conduzir ao exilio na Hollanda. Aquelle mesmo quarto era occupado, durante o concurso, por uma outra cabeça allemã, mas esta era alvo de attenções e de admirações. Com uma belleza deslumbrante e um sorriso atrevido, ella atravessava aquelle mesmo «hall» convicta de levar dalli, para o seu

Vista panoramica de Ostende, a perola do norte da Europa.

paiz, uma nova corôa, como revanche á quéda da outra. Era opinião geral que «Miss Allemanha» seria rainha da belleza do Universo em 1932. Mas... uma vez mais o destino foi implacavel com o paiz de Niebelung... Aliás, coisa curiosa, mesmo as mais feias, quando falavam, deixavam entrever sempre a certeza de ser «Miss Universo».

No "hall" daquelle hotel de Spa, tinha-se a impressão exacta de uma torre de Babel. Todas as linguas se misturavam, o turco com o grego, o hespanhol com o russo, o portuguez com o polaco, o francez com o allemão, numa barafunda que faria a felicidade do «esperantista» mais modesto. E essa confusão era augmen-

(Continúa na pag. seguinte)

O Castello de Ardennes, obra de Leopoldo II, orgulho dos belgas, hoje transformado no hotel mais luxuoso

tada ainda pelas "mamãs", que acompanhavam as "misses"... Implacaveis matronas, na generalidade gordas, sempre com um sorriso e vaidade nos labios. Tetricas creaturas volumosas, sempre com uma malinha na mão, que nos impunham um profundo terror pelo passado, e uma pena horrivel dos nossos avós...

Um sorriso de «Miss Universo 1932».

da Europa, onde as representantes da belleza internacional foram repousar antes da eleição de «Miss Universo».

Uma ou outra "miss", variando o habito, ao em vez da «mamã», trouxe o «papae». Peior ainda. Nada mais desagradavel do que o pae de uma mulher bonita! Só «Miss Hespanha» bateu o «record»: Trouxe pae, mãe, irmã, primo, etc. Só fal-

(Continua na pag. seguinte)

A bellissima cachoeira de Spa.

tou o papagaio... E, no meio dessa impressão desagradavel que os «companhantes» nos davam, uma figura realçava, pela sua attitude, pela sua belleza, sempre discrétamente á parte das demais, num porte aristocratico e numa elegancia notavel, que trazia extasiados muitos e muitos olhares: Julieta Telles de Menezes, a nossa admiravel artista, a «mamã» de «Miss Brasil». Si sua filha obteve um successo digno de uma «Miss Brasil», justiça é que se diga não ter sido menor o successo alcançado por ella.

Na vespera da decisão final, uma grande festa foi offerecida ás "Misses", no Casino de Spa, sob a presidencia de um cavalheiro gordo, sympathico, que ria a proposito de tudo e que, talvez por isso, occupa o logar de «encarregado das finanças» da cidade. Em mesa especial achavam-se os membros do Jury, que no dia immediato deveriam eleger «Miss Universo». A sala do Casino, talvez o maior da Europa, regorgitava de gente, vinda de todos os pontos da Europa. Não havia mais logar nem para ninguém.

Era o primeiro contacto do Jury com as "Misses", que deveriam, nessa noite, ser apresentadas, uma a uma, ao publico. Dessa apresentação quatro obtiveram um successo enorme, prolongados applausos: "Misses", Allemanha, Yugoslavia, Brasil e Hespanha. "Miss Turquia" passou quasi despercebida, e, no emtanto, no dia immediato... Mas, a festa durou até o alvorecer, em um ambiente suffocante, onde a champagne que estourava a cada minuto e a intensa fumaça dos cigarros davam o aspecto bizarro de uma scena de orgia moderna em um film dos nossos dias.

No dia seguinte, domingo, um publico ainda mais numeroso voltou ao grande salão do casino para saber o resultado do Jury e a proclamação de "Miss Universo". O calor era ainda maior que o da vespera, dadas as possantes lampadas que os operadores de "films" jornaes faziam queimar na sala. Grande ansiedade. Discussões, de todos os lados. Apostas e mais apostas. Para o publico, "Miss Allemanha" era a mais cotada... Excellente "revanche" para o exilado de Doorn!... Quando Marquet Fils, deante das "Misses" dispostas na grande scena, em fórma de léque, annunciou, com voz clara, que "Miss Turquia" havia sido eleita "Miss Universo", um "Oh!..." enorme se fez ouvir na sala. A surpreza (e para muitos, a decepção) foi quasi geral!... No fim da sala, um cavalheiro qualquer gritou:

— E' o cumulo! Protesto!...

E um turco que se achava a seu lado metteu-lhe a bengala. No fim da sala "fechou o tempo", logo "aberto" pelos innumeros policiaes que se achavam de guarda.

"Miss Turquia" não corresponde em nada, a meu vêr, ao titulo que o Jury lhe deu. Completamente morta de expressão, falta-lhe aquella graça e o "sexe appel" que caracteriza a européa. Ao vêl-a caminhar tem-se a impressão de que o faz por ver que os outros o fazem. Não fala outro idioma além do turco. Bonito sorriso, bellos dentes, cabellos longos e negros, e olhinhos pequenos de chim. De corpo vistoso, mas longe de ser bem feito. Elegancia... Talvez, mas oriental.

As outras "Misses", não cabiam em si de espanto! "Miss Allemanha" foi a primeira a vir beijal-a, e quando Marquet Fils, sem tremer, collocou ao peito da eleita a annunciada joia de brilhantes, no valor de 100.000 francos, na sala desabava um trovão de applausos.

No dia immediato, as "Misses" deveriam partir novamente para Ostende. Pela manhã, no "hall" do Britanique, encontrei "Miss Allemanha", pallida, nervosa, com grandes olheiras de quem não dormiu. Que resolvera não acompanhar mais a caravana.

Em Ostende, das 28 "Misses", só 14 continuavam a marcha no cortejo de "Miss Universo". As outras, quem sabe?, desilludidas, haviam debandado. Novos bailes, novas festas, premios, como só Ostende, a pérola do Norte, póde offerecer.

No trem, de volta a Paris, eu pensava, cheio de satisfação, no successo de "Miss Brasil". Accendo um cigarro, abro um jornal e vejo a cahida, a derrocada de Hitler deante de Hindenburg. Pobre Allemanha! Passa pela minha mente a figura do Kaiser atravessando o "hall" do hotel, a caminho do exilio... A queda material. Em seguida, se me depara deante dos olhos aquella linda figura loira, "Miss Allemanha", atravessando o mesmo "hall", de cabeça baixa, pallida, mordendo os labios, a caminho do ostracismo... Entre um e outra, um decennio e meio quasi... A queda espiritual... E tive uma pena enorme do sul do Brasil. Porque, não sei...

Paris, 16 agosto de 1932.

A senhorita Olga Rizzi e o sr. Sergio Ristori, cujo enlace se realizou ha pouco em S. Paulo.

(Photo Cerri — S. Paulo).

Depois de um curso brilhante na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, o dr. Carlos Villela Campos, da nova geração de scientistas brasileiros, partiu para a Allemanha, em viagem de estudos. E' o regresso ao Brasil, do joven e estudioso esculapio, que ora se annuncia, após uma proveitosa visita aos principaes institutos scientificos de Berlim e outras grandes capitaes européas.

O dr. Aniz Franjan, que se formou recentemente pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde fez brilhante curso, acaba de ser expressivamente homenageado pelos seus collegas. Ex-interno do professor Ganfield de Almeida, o dr. Aniz Franjan foi o «benjamin» de sua turma, na qual, apesar disso, se destacou pela intelligencia e pelo amor ao estudo.

(Photo De los Rios).

SABEDORIA

No casamento ha desgostos, mas no celibato não ha prazeres. — Johnson.

*

Si o amor dá raramente a felicidade, pelo menos nos faz pensar nella constantemente. — Sanecour.

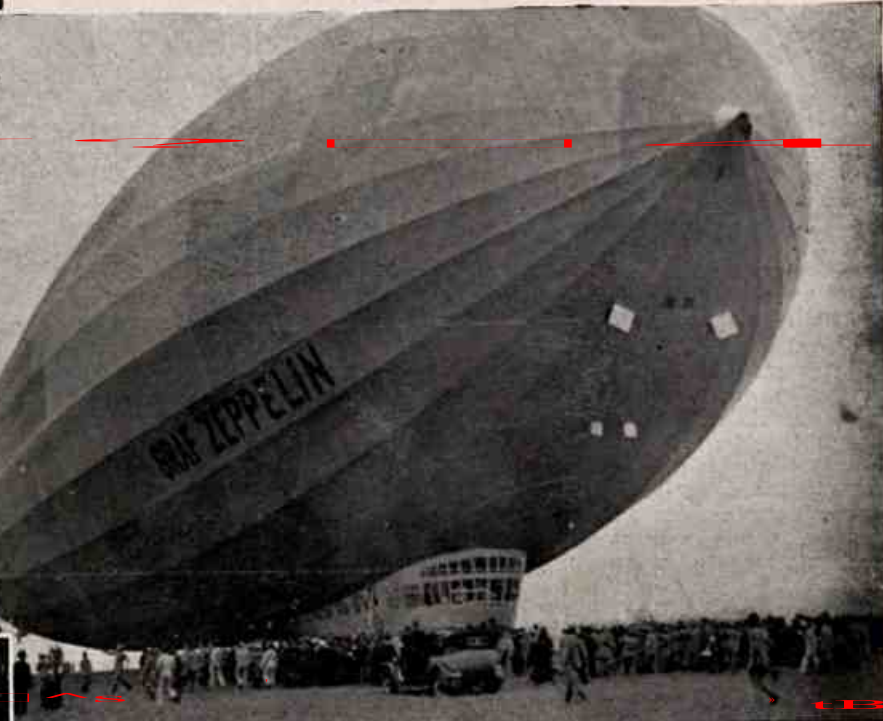
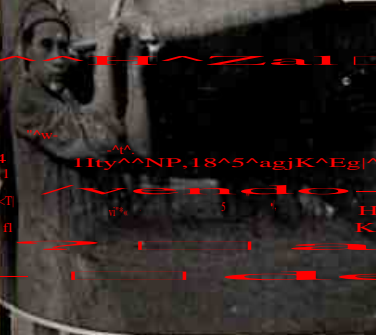
Uma das ultimas photographias de Luiz Carlos e tres aspectos do enterro do illustre poeta, vendo-se no medalhão Gustavo Barroso falando á beira do tumulo de seu mallogrado collega.

LUIZ CARLOS

A Academia Brasileira de Letras, com a morte do grande poeta Luis Carlos, acaba de perder um dos seus membros mais proeminentes, e a literatura nacional, um artista de escol. Na realidade, o esteta de "Astros e Abysmos" e "Columnas" era uma figura de valor inconfundivel, em nossos meios literários, destacando-se, não só como poeta de rimas límpidas, mas ainda como prosador de estylo brilhante e vigoroso.

O enterramento de Luis Carlos teve grande concorrencia, vendo-se, entre os presentes, innumeros intellectuaes e figuras da alta sociedade. O nosso prezado companheiro, Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira, proferiu, no momento em que a urna baixava á sepultura, uma commovente oração de despedida, em nome daquella douta aggremiação.

O «GRAF ZEPPELIN» novamente sob o céo carioca

Empolgante, sob todos os aspectos, foi a nova visita que nos fez o gigantesco «Graf Zeppelin» que, pela terceira vez, pairou, na manhã de sabbado, sob o céo carioca. O espectaculo, como é natural, attrahiu a attenção da população, ansiosa, que estava, para admirar a magnifica aeronave allemã. Esta, á hora marcada, cortou a cidade, rumo ao Campo dos Affonsos e, após a demora necessaria, para o embarque e desembarque de passageiros, evoluiu sobre a cidade, podendo, assim, ser vista por todos quantos accorreram para as vias publicas ou se conservavam ás janellas de suas casas. A gravura desta pagina nos mostra varios flagrantes da visita do «Graf Zeppellin», vendo-se nalguns delles o ministro Herbert Knipping, o commandante Lehmann, altas autoridades civis e militares, o dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, e os jornalistas que, a convite da Luftschiffbau Zeppelin G. m. b. h., seguiram para a Allemanha a bordo da gigantesca aeronave que bem symboliza a grandeza do engenho allemão.

Rendas de espuma

CABARET

(SCENAS DA VIDA BOHEMIA)

O cabaret é um mostruario de almas.

Ha uma analogia frisante entre esses ambientes de vicio e a pagina de annuncios dos jornaes.

No cabaret, a alma se desnuda em palavras, em revelações, em queixumes, em alegrias forçadas e fingidas. No annuncio, ella grita através das offertas, dos anseios, das solicitações, das necessidades que a letra de fôrma reproduz e modela.

Eu gosto, por isso, de lêr a pagina de annuncio dos jornaes, e de ouvir as bôccas tristes, amargas ou alegres, que falam e bebem nas salas dos *music-halls*.

Era esse tambem o prazer de Oscar Wilde e de André Gide: — surprehender almas nas suas expansões mais sinceras. E quando essas almas são de homem.... Sim. Por que, á força de serem estudadas, analysadas e devassadas, a feminina é coisa que não mais interessa. E' sabido que o fundo da alma da mulher é a mentira. A do homem...

— E a do homem...

— A verdade.

Quem assim falava era um escriptor. Entrára, naquella noite, no cabaret rumoroso, á cata de emoções e de assumpto, para o seu novo romance: "Uma vida sem alma"... O outro, o que o ouvia, meio ébrio, mordaz e triste, era um pintor — um trapo de homem que o amor de uma mulher fatidica tornára mais desgraçado e mais sombrio do que o *Werther*, de Goethe.

Deante de um copo de whisky, o pintor, ao affirmar que o fundo da alma masculina era a verdade, bebeu mais um trago. Fitou o interlocutor, e contou, com azedume:

— E foi por essa estupidez — ser sincero — que me desgracei, para sempre.

— Uma cretinice minha.

E depois de evocar qualquer coisa que lhe

O outro bebeu tambem. E, emquanto, em torno o tumulto do cabaret ia crescendo, inquiriu, curioso:

— Um amor infeliz?

fugia, subjectivamente, deante dos olhos lacrimosos:

— Aos trinta annos, — e hoje tenho quarenta — tomei-me de uma paixão

allucinante. Era uma italiana, que me chamava "picolo amor mio" e outras coisas sonoras. Um dia, eu tive ciumes della. Quiz rasgar-lhe a carótida. Ainda cheguei a empunhar uma navalha, como qualquer capadócio...

O outro estremeceu. Arregalou os olhos injectados de alcool:

— Um assassinato?

— Descance — tranquillizou o pintor, ironicamente. — Nada fiz. Rompi com ella. Simplesmente. Ausentei-me de casa e, dois mezes depois, retornei. Humilhei-me. Vinha transformado numa ruina e numa dôr indescriptivel. Chorei aos pés della como um cão. Indifferente ao meu soffrimento, zombando da minha fraqueza, ella não me perdoou — e sorriu: "Um homem não chora nunca". Retruquei: "Mas, no amor não ha fortes nem fracos: todos são iguaes". — "Sim — disse ella — mas quando um homem chóra, deante da mulher que o ama, elle cresce e se levanta aos olhos della. Quando, porém, ella não o ama, elle cáe e se degrada, coberto de ridiculo."

— Que fizeste? Não a mataste? — perguntou o romancista.

— Não. Chorei ainda mais. Depois comecei a beber. O "whisky" é o melhor corrosivo para as paixões desgraçadas. O "whisky", a ingratidão e o tempo.

Da bôcca de uma cançonetista, brotou a melancolia de um tango argentino...

"Sólo vivi para adorarte,
mujer divina, encantadora...
Sólo sabia idolatrarte
mi corazón,
que hoy por ti llora..."

YVES

LETRAS FEMININAS

A senhora Else Mazza Nascimento Machado, que tanto successo alcançou recentemente com o seu livro «Humilde Oblata», em cujos poemas lindos desdobrou luminosamente a sua brilhante sensibilidade de artista e de mulher, acaba de ser traduzida para o hespanhol pelo poeta paraguayo Leopoldo Ramos Gimenez, nome de relêvo nas letras daquelle paiz amigo. Trata-se de uma alta e expressiva homenagem não só á poetisa illustre de «Selva Moça», tão justamente apreciada em sua terra, mas á propria literatura brasileira, de que Else Machado é figura prestigiosa e festejada.

O ministro Hermenegildo de Barros, vice-presidente do Supremo Tribunal Federal e uma das figuras mais eminentes da justiça federal, pelo talento, pela cultura e pela integridade profissional, visitou, sabbado ultimo, a séde da Associação Brasileira de Imprensa, onde foi recebido, com merecidas homenagens, pelo presidente da casa dos jornalistas, dr. Herbert Moses, e outros directores, e alguns socios, que apparecem no «cliché» acima ladeando s. ex.

Aspecto tomado por occasião da solemnidade inaugural da exposição de quadros do pintor Waldemar da Costa, no salão da As. dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel.

Os casaes Emcingt e Affonso Guimarães photographados em frente das obras do Event Vage-Hotel, em Miguel Pereira, encantadora estação de veraneio.

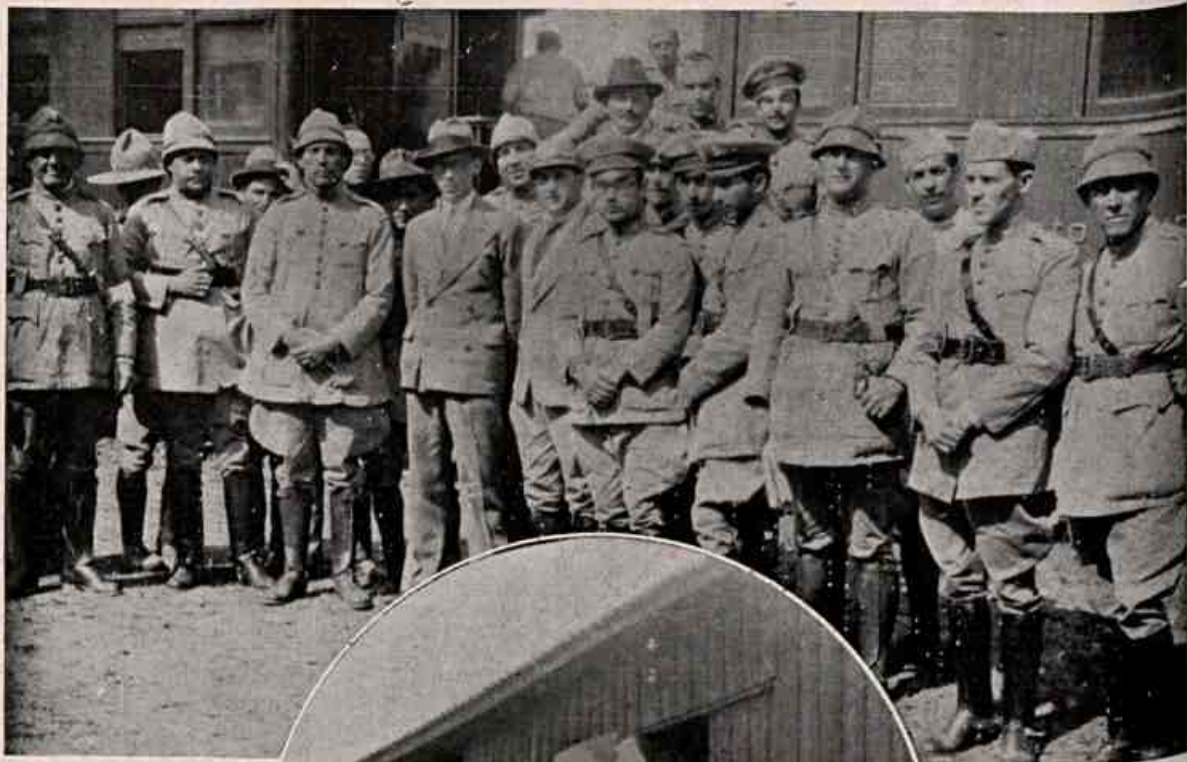
SABEDORIA

Para o homem de coração é quasi tão penoso ser amado quando elle não ama, quanto não o ser quando ama. — Sully Prudhomme.

*

O amor é inextinguivel; elle vive e renasce de si mesmo, e quanto mais elle se expande mais se avoluma. — Lemennais.

*

A desgraça da felicidade é a saudade; a felicidade da desgraça é a esperança. — Pierre Léroux.

O dr. Gustavo Capanema, secretario do Interior e Justiça do Estado de Minas Geraes, por occasião de sua visita ao «front», no sector mineiro. S. ex. e membros de sua comitiva entre officiaes do S. S., destacando-se os coroneis Marques e Lery. Examinando, com o cel. Gabriel Marques, a chapa radiographica de uma praça hospitalizada. Em Manaçá, acompanhado de officiaes da F. P.

OH! SI EU TIVESSE UM AMOR!...

Paulo Gustavo, o victorioso poeta de Divina amargura, cujos versos tanto commovem a sensibilidade dos emotivos, está alcançando mais um successo com a valsa-canção "Oh! si eu tivesse um amor!...". Que Lyrio Vogeler, o festejado cantor, acaba de gravar em disco Odeon, e a Casa Carlos Wehrs editou para piano.

Zumbem Madelú, a applaudida interprete da canção brasileira, canta, no palco do Odeon e no microphone das nossas estações de radio, a linda producção de Paulo Gustavo, que tem a seguinte letra:

O cel. Brandão junto á trincheira do primeiro sargento Egydio Benicio, no flanco esquerdo do Tunel.

Instantaneo do combate na zona occupada pelas tropas da Brigada Lery.

Nas trincheiras do 8.º batalhão: alguns officiaes e fusis automaticos Z. B.

Aspecto [illegible]mado nas trincheiras do tenente [illegible]ncoln, tambem no flanco esquerdo do Tunel, durante a inspecção do cel. Brandão, que apparece no grupo com outros officiaes do seu estado maior.

Oh! si eu tivesse um amor
Que fosse meu, mas só meu,
Seria tão feliz
A minha vida em flôr!
Foi o que sempre quiz
E a sorte não me deu!

Ouvi que o amor tortura,
Que dóe como a rosa
Que não nos traz ventura...
Que é doença deliciosa!

Oh! si eu tivesse um amor, etc

Porém, si Deus, um dia,
O amor me conceder
Farei delle alegria
E o não verei morrer

Oh! si eu tivesse um amor, etc.

VADE RETRO!

Os malucos literarios são em numero incontavel e trazem os que trabalham em qualquer redacção de jornal num cortado único. Entram pela sala a dentro, mettem-lhes os originaes ou plágios pelo nariz:

— Pôde publicar-me este trabalhinho?

— ?...

— E' possivel sair na primeira pagina?

E, quando a sua producção não é acolhida, com todas as honras, zangam-se:

— Se fôsse de qualquer medalhão, não haveria difficuldades...

E, quando o jornal a estampa, nunca mais deixam a gente em paz. Todos os dias trazem novas coisas e começam a reclamar o pagamento.

Vade retro!

O coronel Lery Santos, commandante da Brigada Sul, observando, da serra do Jacú, a cidade paulista de Cruzeiro, agora em poder das forças da Dictadura.

O tenente-coronel José Vargas da Silva recebendo uma communicação telephonica, no seu P. C., situado em territorio paulista.

Um grupo de officiaes em frente ao P. C. do tenente-coronel Vargas.

No alto: o P. C. dos majores Persilva e Pinto, na frente do Túnel. Ao centro: o coronel J. G. Marques, chefe das forças em operações, palestrando com um official, em Manacá. Em baixo: a) officiaes do Serviço de Engenharia da Força Publica do Estado de Minas Geraes, na fazenda de S. Bento; b) o P. C. do tenente Prado, na frente do Túnel, por occasião da visita do cel. Brandão, que ahi se vê acompanhado do capitão Marino e do dr. Felicíssimo.

COISAS QUE ABORRECEM

Agüentar uma conferencia em jejum.

Receber um cheque com o nome errado.

Achar na rua uma cedula de cem falsa.

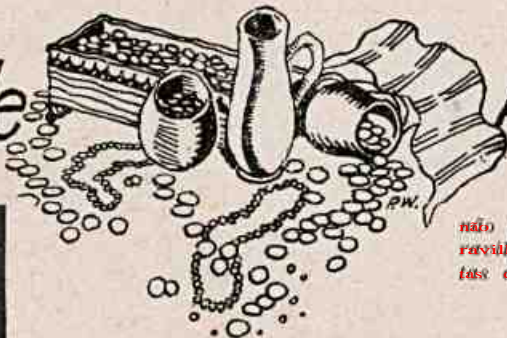
Estar elogiando um radio que se queira vender e começar este a dar descargas.

Declarar ao mordedor que se está prompto e, mettendo a mão no bolso, sem querer, fazer tilintar os cobres.

Ter uma bella idéa e, ao expôl-a, ouvir do interlocutor estas palavras: "Já pensei nisso."

Cair do garfo no chão o derradeiro pedacinho duma guloseima que se estiver saboreando.

Dizer mal dum sujeito a outro e ouvir deste esta resposta: "É meu primo."

Caverna de Ali Babá

A festejada actriz Cecy Medina, que, como «estrella» do Trianon, tem alcançado brilhante successo no theatrinho da Avenida.

CURIOSIDADES

Uma estatistica curiosa revela que, dos trinta presidentes que até hoje dirigiram os Estados Unidos, quinze fôram filhos de agricultores, cinco de clerigos, dois de advogados, tres de commerciantes, um de industrial, um de curtidor, um de official de justiça, um de estadista e um de jurisconsulto. Quinze presidentes descendiam de inglezes, um de francez, tres de escocezes, seis de irlandezes e dois de hollandezes. Oito tinham estudos ecclesiasticos, dezenove eram advogados em exercicio ao tempo de sua eleição, dois viviam da agricultura. E, emfim: oito delles nasceram no Estado de Virginia, que foi o que até hoje deu mais chefes de governo á nação norte-americana.

* * *

Um naturalista que, ultimamente, realizou varias excursões scientificas pelo interior da Florida encontrou uma arvore curiosissima que os indios daquella peninsula veneram como sagrada. Tem o tronco muito grosso e as folhas muito largas, parecidas com as do plátano e dum verde vivissimo.

Quando chove, ellas mudam a pouco e pouco de côr, conforme a agua as vae molhando até que ficam completamente vermelhas. Ficam assim uma ou duas horas depois de cessada a chuva.

Os indigenas a admiram e respeitam de tal maneira que não arrancam uma só de suas folhas.

* * *

Não somente o propheta Jonas viveu dentro duma baleia. Os pescadores pobres dos mares nordicos da Europa costumam usar a pelle das cachalotes que dão á costa para, abrigados nellas, passarem o inverno.

Em 1528, foi capturada uma baleia nos arredores de Ostende e

O dr. João Carneiro Cabral, que durante algum tempo militou, com brilho, no fôro carioca, transferiu-se para Matto Grosso, aonde foi exercer um alto cargo na magistratura local. Por occasião de sua partida para aquelle Estado, recebeu o dr. Carneiro Cabral expressiva manifestação de apreço promovida pelos seus innumeros amigos e collegas desta capital.

(Photo Annunciato).

um senhor chamado Kessels a expôz num pavilhão especial, offerecendo dentro della uma festa a varios naturalistas, inclusive Cuvier. Para esse effeito, o interior do cetaceo foi limpo e embalsamado. E os convidados ouviram dentro do seu ventre um concerto.

Os prophetas como Jonas, os santos como S. Brandal e os aventureiros como Sindbad, esses não tiveram nas suas viagens maravilhosas na barriga ou nas costas das baleias semelhantes luxos.

* * *

Dante compoz seu primeiro soneto aos nove annos.

Tasso escreveu os primeiros versos aos dez.

Victor Hugo foi laureado pela Academia dos Jogos Floraes de Tolosa aos quatorze.

Meyerbeer dava concertos de piano aos seis.

Claude Vernet desenhava muito bem aos sete.

Mirabeau fazia um livro aos onze.

Hacudel ultimava a composição duma missa aos treze.

Raphael começou a pintar aos sete.

Weber fez representar sua primeira opera aos quatorze.

Pascal resolveu as trinta e duas proposições de Euclydes aos doze.

Mozart, aos tres annos, sentava-se ao piano e provocava pelo genio musical a admiração de seus ouvintes.

SÉSAMO

Irene Abrahão Waismarck, uma garotinha que já sabe fazer «pôse».

FON-FON NO CINEMA

LICÇÃO DE BARBARO

(The Misleading Lady)

DA PARAMOUNT

com Claudette Colbert — Edmund Lowe — Stuart Erwin — Robert Strange e George Meeker

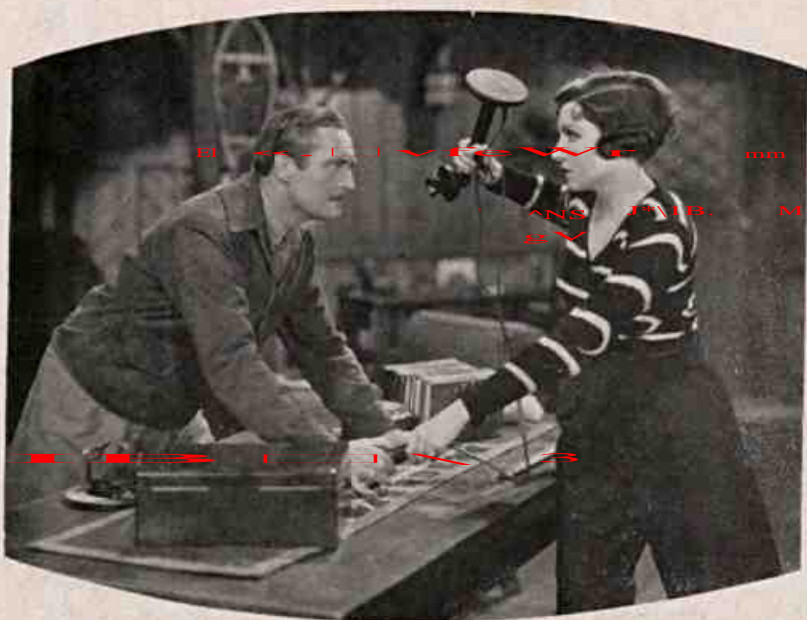
Tratava-a exactamente como um barbaro, para a castigar.

NAQUELLE dia, Helen Steele estava, evidentemente, de mau humor. A' amiga Jane, que a fôra buscar em casa, para uma reunião de senhoras, dissera que "estava farta da vida de rotina... Todos os dias a mesma coisa". Mas, depois, lembrara-se do sr. Sidney Parker, escriptor theatral, cuja ultima peça — "A Sereia" — estava sendo montada. Helen, que era actriz de profissão, teve uma idéa: ir ver o escriptor e pedir-lhe o papel da protagonista. Nesse interim, porém, a chamam ao telephone. E' uma amiga sua, Alice Cannell, que a convida para uma festa intima, um "week end", fóra da cidade.

— Não posso, Alice... — responde Helen. Tenho um compromisso. Vou sahir... Desculpa-me.

E, assim falando, veste-se e vae ter ao escriptorio de Mr. Parker. Dramaturgo de reputação, a sua

Decidido a eliminal-o.

Ella estava fazendo uma experiencia perigosa.

Luctando com o barbaro.

secretária não descança de responder aos telephonemas. Helen chega e, embora não receba da empregada a menor attenção, inteira-se pelas respostas da secretária de que o escriptor está fóra da cidade, em casa da familia Cannell...

"Ora, veja!" — exclama Helen comsigo mesma. Ella desprezára o convite de Alice! Não teve duvida. Chamou-a novamente ao telephone e disse-lhe que acceitava o convite.

Na residencia de Alice, é a joven actriz apresentada a Mr. Parker e a Jack Craigen, um americano explorador, que acabava de regressar da Patagônia. Helen, logo que fala a Mr. Parker, pede-lhe o papel da "Sereia", mas elle lh'o recusa sob o pretexto de não ter ella um nome bastante "famoso" para fazer as vezes daquella mulher magnética da sua peça. Helen comprehende. Elle queria uma actriz em cuja vida particular houvesse algum escandalo...

— Reconheço que você tem talento, mas não dispõe da personalidade atrevida da "Sereia" — observa-lhe o escriptor. E ainda ha pouco me deu a entender a sua timidez ao ser apresentada a Craigen...

Helen fica um instante calada, e logo responde:

— Oh, já sei! Precisa de uma mulher de escandalo, não é? E si eu lhe provar que não sou nenhuma timida, entrega-me o papel da protagonista?

— Prove-m'o com Craigen, por exemplo...

— Vamos fazer uma aposta. Si ao cabo de tres dias eu lhe der provas de que Craigen está louco de amôr por mim, ganho o papel?

Parker diz que sim.

Acceitando essa aposta, os outros convivas, incluindo o noivo de Helen, Bob Tracy, e mais os donos da casa, notam uma certa "inclinação" de Jack Craigen por Helen, que sabe que a sua arte está dando resultado. Quando percebe que Jack está a ponto de lhe fazer uma declaração, arranja na sala da bibliotheca um phonographo em que se podem registar discos, e esconde o microphone dentro dumas flôres, junto ao sofá, e chama Jack para que lhe conte a historia de suas aventuras. O rapaz, muito naturalmente, passa das suas viagens na Patagonia a falar della, Helen, por quem se confessa apaixonado... E a conversa está sendo gravada no disco, sem que elle o saiba!

Nesse ponto, alguem vem interrompêl-os. Helen pára escondidamente o registo e sáe, pedindo a Jack que a espere. Um rapaz da casa, que entra depois, vae servir-se do phonographo e solta uma enorme gargalhada ao tocar o disco que alli encontra. Reconhece a voz de Craigen. Chama todos para ouvirem a "novidade"! Craigen fica rubro de raiva e manda preparar o seu auto, indignado, pois alli não póde mais ficar.

Helen, então, vae ter com elle, querendo explicar-lhe tudo... Mas o explorador atira-lhe em cara a pecha de "moderna", mulher que tudo sacrifica aos seus caprichos momentaneos. Helen procura defender-se:

— Que sabe você das mulheres de hoje, você que só tem vivido com selvagens na Patagonia? Estude-as, ás modernas, para poder falar!

— Estudál-as, eu?! Para as estudar preciso de um "especimen" apropriado — e você me servirá para o estudo!

Helen não tem tempo para correr. Craigen agarra-a, envolve-a num capote e corre com ella por uma porta do lado para o pateo trazeiro da casa, onde acaba de aterrizar um auto-giro. Elle, que é tambem aviador, não tem duvida — atira a pequena para dentro do "moinho volante" e levanta vôo. Tudo num abrir e fechar de olhos!

O criado-mór é o unico que vê e vae dar a noticia do escandalo.

(Continúa na pag. 45)

Confidencias.

CAMINHO DO PARAISO

FILM DA UFA

com Lilian Harvey — Willy Fritsch

TRES rapazes, Willy, Hans e Kurt, voltam de uma corrida de automoveis. Mas a amizade de que os une posta á prova de uma forma bem dura. Chegados em casa, recebem elles a noticia de que estão pobres, com as propriedades que possuiam confiscadas, e que o banqueiro que lhes administrava os bens falliu.

Que fazer? Não lhe resta sinão trabalhar. Mas, como encontrar trabalho? O ultimo resto de fortuna que lhes fica, o automovel, ajudá-os a encontrar uma bôa idéa. Vendem o carro e compram, com o producto, um posto de venda de gazolina á margem da estrada principal.

Os tres rapazes trabalham esforçadamente e os negocios correm bem. A cliente mais fiel é Lilian Cossman, menina rica, que vae com o seu carro, diariamente, ao posto, porque ella acha os tres rapazes muito interessantes, sentimento que elles retribuem sinceramente. Cada um delles pensa, sempre que Lilian os deixa:

Este era o que mais lhe queria e que menos lhe agradava.

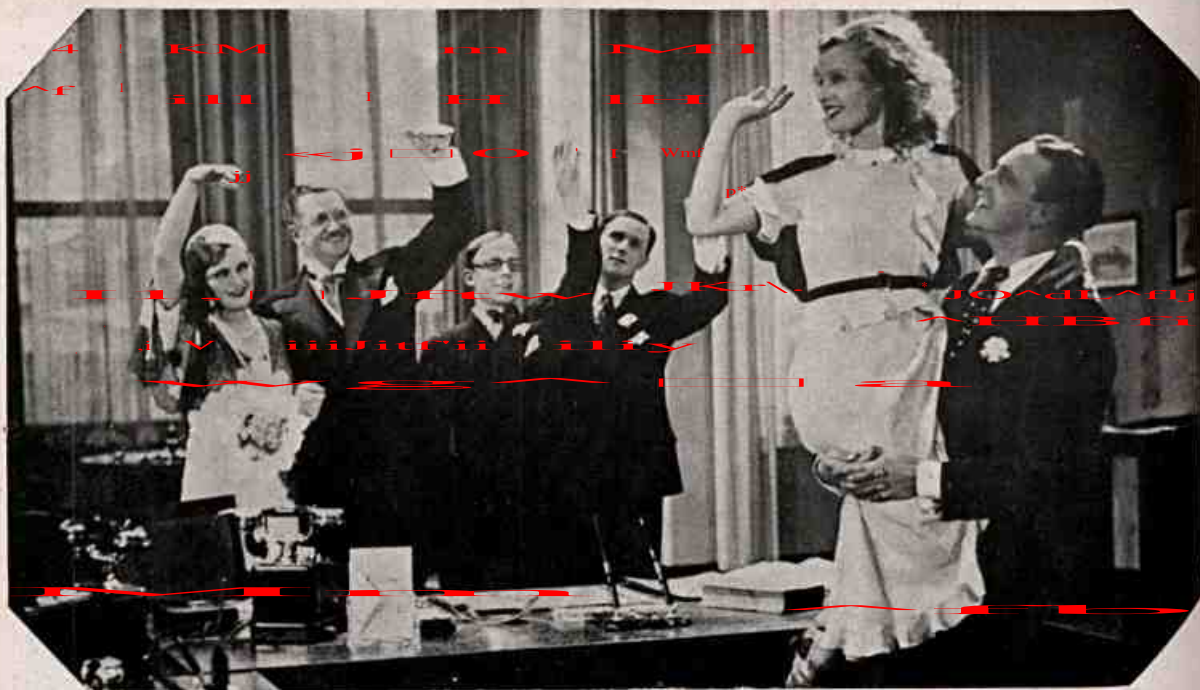
— Bom partido seria essa garota...

Mas nenhum delles quer revelar o seu segredo aos amigos e cada qual julga ser o escolhido da bella "chauffeuse".

Nesse meio tempo, Lilian observa que Willy é, dos tres, o que mais lhe agrada. E um complicado problema se lhe apresenta: como fazer para que os outros dois comprehendam isso? Posta nessa difficuldade, ella se dirige a bella Mme. Edith, que é muito entendida em questões de amôr, e a quem seu pae adora. Edith muito gostaria de se tornar a esposa do rico consul Cossman, mas, como na casa delle quem manda é Lilian, ella não lhe dá permissão para casar.

Edith aconselha Lilian a dizer a verdade aos tres amigos. Mas esse plano não dá resultado. Si é verdade que Hans e Kurt se conformam, embora tristes, Willy se revolta com aquillo e rompe com Lilian, rompe com os amigos, abandona o negocio.

E' ainda Edith quem vae resolver a questão.

O predilecto.

Estava feita a escolha.

Uma empreza distribuidora de gazolina contracta os tres amigos como directores. No primeiro dia de trabalho para elles, apresenta-se uma joven secretaria que se parece, de fórma extraordinaria, com a joven Lilian. Mas a colera de Willy não diminuiu ainda. Furioso, elle dita uma carta pedindo demissão da sociedade e assigna-a sem mesmo se dar ao trabalho de a reler. Lilian sáe triumphante com aquella carta. Pouco tempo depois, um advogado se apresenta em casa de Willy, acompanhado pelo pae de Lilian e por Edith — que agora andam pelo braço um do outro — o apresenta ao rapaz o *contracto de casamento que elle assignára.*

O rapaz, deante das circumstancias, teve que acceitar o casamento, para evitar escandalo. No mesmo dia, porém, requereu o seu divorcio.

O pae de Lilian, ao saber daquillo, encolerizou-se contra a filha: Com que então a sua filhinha, que elle julgava uma ingenua, era capaz de preparar ardis como aquelle, forjando contractos falsos de casamento, que o noivo assignava julgando tratar-se de uma carta sem maior valor:

— Vou expulsál-a de casa! — bradou ella.

Ao ouvir isso, Willy sentiu despertar o seu sentimento de homem. Não permittiu que se atacasse uma mulher indefesa e... deu como real o casamento que não queria acceitar, defendendo a mulher a quem realmente amava muito.

Caminho do Paraiso.

ESTES VERSOS...

Estes versos
são a continuação daquelles versos
que te mandei
ha muitos annos.

* * *

Recordas-te?

* * *

Aquelles
talvez fossem um pouco mais alegres
devido á idade
e ao calor da mocidade
com que foram escriptos...

* * *

Estes versos,
que agora te mando,
foram escriptos ás portas da velhice
onde a mocidade principia a agonizar...

* * *

Assim,
volto triste e cansado
trazendo no silencio dos meus olhos humidos
a saudade infinita do passado...

* * *

Volto
para falar-te como um velho amigo
que volta de uma longa viagem.
Portanto,
pouco importa si nelles transparecer meu pranto
ou si em prantos te digo
que já não volto para o teu amor,
porque
nesta idade não se ama...
Apenas se conservam as cinzas da fogueira,
testemunhas da chamma
onde se viu arder a illusão derradeira!

* * *

Volto com a alma vazia e envelhecida
e com os cabellos brancos das tempestades do luar!
Mas vejo em tudo isto
uma harmonia tão grande do passado,
que me parece sonhar
o meu primeiro sonho dourado...

* * *

Estes versos
não te dirão apenas
que eu vivi como todas as cigarras,
e como todos os poetas...
Elles tambem te falarão nas tragedias
da minh'alma...

* * *

Volto.
Por toda a desillusão que soffri nos caminhos
eu te guardei estes versos,
humildes e esquecidos,
porque sei que elles vão aos teus sentidos,
que aos meus sentidos nos meus sonhos vens...
Assim, embora não te volte a ver,
ahi vão meus versos para adormecer
dentro d'alma que penso que tu tens!

João Seabra

Escriptores e livros

LUIZ CARLOS

A morte de Luiz Carlos trouxe uma grande desolação para os espiritos que amam as bellas letras. Sabendo escrever e sabendo falar, Luiz Carlos tinha o poder da fascinação, deixando, por isso, um circulo vasto de admiradores.

Filho do Districto Federal, onde nasceu a 10 de abril de 1880, era um engenheiro competente, tendo conquistado a Academia Brasileira de Letras em 1926, na vaga de Alberto Faria, o eruditto autor de "Aérides".

O illustre academico publicou dois livros de versos — "Columnas" e "Astros e Abysmos", — o primeiro superior ao segundo, ambos, porém, dignos de figurar entre as melhores collectaneas poeticas. Publicou ainda "Encruzilhada", prosa, e "Rosal de Rythmos", anthologia, deixando prompto um novo volume de poemas — "Amplidão". Embora tenha produzido pouco, a sua obra se distingue pelo equilibrio, pelo estylo proprio e belleza classica.

Perdeu a Academia de letras um dos seus legitimos valores, uma expressão radiosa da intelligencia brasileira.

SEGREDO CONJUGAL — Civilização Brazileira Editora — Rio — 1932 — 6$

DOS livros ultimamente editados, este tem uma historia curiosa. Medeiros e Albuquerque tomou a si a tarefa de desvendál-a, no prefacio do volume.

"A Universidade de Oxford edita muitos livros de sciencia, de literatura geral e de literatura antiga. Nunca, porém, tinha editado romances e livros de contos, de autores contemporaneos. Quebrou essa regra, no fim do anno passado.

"O sr. Fothergill, que mora em Oxford e tem bôas amizades literarias, escolheu um assumpto e deu-o a diversos homens de letras, dos mais celebres da Inglaterra. Com esse assumpto, o mesmo para todos, cada um fez um conto. A reunião dos trabalhos assim escriptos constituiu o primeiro volume de contos contemporaneos editado pela Universidade de Oxford. A' primeira vista, a idéa de uma collecção de contos, todos com o mesmo entrecho, pareceria dever ser muito monótona. Houve, porém, a agradavel surpresa de verificar que a maneira pela qual cada autor desenvolvêra a idéa, que lhe fôra dada, tinha sido de tal modo differente da dos outros, que ninguem quasi notava a identidade do entrecho. E o livro em que se colleccionaram esses contos é, dizem os criticos, variadissimo."

Medeiros lembrou-se de repetir a experiencia no Brasil, tendo a mesma dado optimo resultado. Distribuiu copias do entrecho proposto pelo sr. Fothergil, entregando-as aos srs. Affonso Celso, Afranio Peixoto, Augusto de Lima, Roquette Pinto, Fernando Rodrigues, Alexandre Delamare e Mauricio de Medeiros, encarregando-se tambem de um trabalho.

E o livro conquista neste momento successo merecido, não só pela originalidade mas tambem pelo brilho emprestado aos contos.

Thomas Leonardos — OS INADAPTADOS — Edições A. S. R. — Rio — 1932 — 6$

ANTES de abrir o volume, o leitor encontra este aviso do sr. Julio Porto Carrero, que se encarregou do prefacio: "Este livro pinta com fidelidade a inquietude da moderna civilização, em cuja crise a mór parte da gente apenas quer enxergar o fator economico, esquecendo o fator sexual que está na base." Por muito respeito que nos mereça a opinião do prefaciador, não encontramos no trabalho nenhuma novidade que dê tratos á bóla.

E' um livro fraco, despido de interesse, que não se recommenda nem mesmo pelo aspecto literario. O autor é um rapaz intelligente, não ha duvida, porém, foi infeliz tentando o romance. Não se adaptou ao genero. Talvez mais tarde consiga o seu objetivo. A paixão que o autor faz brotar ao pé de sepulturas, no ambiente triste de um cemiterio, é inverosimel, dadas as circumstancias que envolvem os factos descriptos.

Depois, morre tanta gente, que o leitor tem a impressão de que a historia ficará em meio, por falta de personagens...

Clodoveu Doliveira — ESBOÇOS DAS TAXAS BIOMETRICAS BRASILEIRAS — Rio — 1932

O valor deste trabalho resulta do conjuncto de observações proprias, que sobre o assumpto nos offerece o autor. Téchnico de grande merito, estudou o que de melhor existe feito a respeito, no estrangeiro, esboçando um trabalho que abre estradas novas para as cogitações brasileiras, na adapta-

são e desenvolvimento das leis sociaes que prendem a attenção dos dirigentes do paiz.

Obra nova, meditada, digna de ser lida por quantos se interessam pelos estudos do seguro social.

Mario Carli — A CANÇÃO DO SANGUE — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 7$

ESTE romance, distinguido com o *Premio Lubia*, pertence á série que a Livraria Globo vae divulgar, escolhido entre os melhores da literatura da Italia Nova. Mario Carli, grande propagandista do *fascio*, é autor de varias obras. Para esta traducção, Marina Juaspari arranjou um titulo mais suggestivo que o original publicado com o nome: *L'Italiano di Mussolini*.

R. Austin Freeman — O MISTERIO D'ARBLAY — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

O nome do autor apparece pela primeira vez entre os volumes da apreciada *Collecção Amarella*. Trata-se de uma obra curiosa, cuja leitura desperta o maior interesse.

M. Maryan — O CASTELO ROSA — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

MARIO SETTE traduziu *Le chateau rose*, do original francez, para a collecção de livros destinada ao elemento feminino. Leitura facil, enrêdo interessante.

Luciano Lacerda — CANÇÕES — Aracajú — 1932

O sr. Luciano Lacerda Silveira e Souza, membro de um gremio literario de Sergipe, berço de Hermes Fontes, o glorioso poeta de *Apotheoses*, reuniu em folheto as primeiras canções.

Vamos citar uma dellas, *Derradeiro beijo*, para o conhecimento dos nossos leitores:

Tu repousaras inerte neste leito...
E não sabes a dor que no meu peito
agora e para sempre ha de morar;
de meus olhos o pranto da saudade,
escorre-me na face ao te lembrar.
Deponho em tua bócca delicada
este beijo dorido e verdadeiro;
beijo saudoso, triste, amargurado
beijo sincero, leal — o derradeiro.

Mario Sette

LICÇÃO DE BARBARO (conclusão)

daloso rapto á senhora. A nova espalha-se como fogo. O noivo de Helen, meio ébrio de cocktail, arma-se com um revólver para a ir resgatar... Mas, onde? Quem sabe onde Craigen iria baixar com o seu fardo humano, que estrebuchava, gritava, pontapeteava?

— Craigen tem uma casa nas montanhas de Sunny-Vale, — explica alguém.

— Para lá é que a vae levar, explica outro.

O auto-giro desce sobre a neve, nas proximidades da casa de campo de Jack Craigen, e Helen, resistindo, mordendo, gritando, é levada para dentro pelo pulso forte e barbaresco do explorador.

— Vingo-me com prazer! — diz Craigen, atirando-a para um sofá, como um trapo de gente.

— Bruto, malvado, insolente! — vocifera a moça. Não sei onde estou que não o mato, atrevido, malcreado, barbaro!

— Não me mata porque não tem com quê. Essas armas estão descarregadas, — diz o rapaz, apontando o pequeno arsenal construido na parede.

Depois de muita zanga, muito grito, muito puxão, Craigen vae buscar uma roupa de meia, enxuta, e entrega-a a Helen, para que mude o vestido encharcado que tem no corpo, e, como ella se recuse, começa Jack a arrancar-lhe a blusa sem nenhum respeito pelos colchetes ou botões, e muito menos ao que a sua sanha de romper e rasgar possa descobrir.

Helen, meio desnuda, vê que o melhor é obedecer... e começa a despir-se, tendo Jack sahido do quarto.

— Chamou-me "barbaro"... Quiz dar-lhe uma lição de barbaro, explica-lhe Jack, mais tarde, quando Helen, mudada a roupa, sae para a sala grande da casa.

E' nesse momento que tocam o telephone. Fala um reporter do "Daily Mail", que é o seu jornal. Craigen diz-lhe que venha, mas o outro explica que Jack vae correr risco porque Tracy, o noivo de Helen, para lá já seguiu, armado, afim de tomar um desforço pessoal. Jack Craigen diz que está por tudo. Não se arrependeu de a ter raptado — e agora quem quizer que a venha tomar!

....

....

— Você ganhou a aposta, Helen, confessa Mr. Parker, que chega numa caravana de autos, com todos os outros — reporters, o noivo della, convivas, etc. Helen está mansinha, ao pé de Jack, e, com o papel da "Sereia", ganha tambem um marido...

BALLADA TRISTE

Trecho do livro "Era uma vez"

Por Luis de Góngora

MARISOL, a romantica e encantadora princeza, passeia, triste e melancolica, pelos terraços que circumdam o velho e magestoso castello feudal e, debruçando-se de vez em quando nas altas balaustradas, parece querer vislumbrar, através da escuridão da noite, o trovador de voz doce e musical, que, vibrando o seu alaúde, ha já alguns dias, conseguiu turbar o coração da princezinha, fazendo desapparecer aquelle riso alegre e crystallino, como trinados de rouxinóes.

Marisol é quasi uma creança.

Já viu florir 15 perfumadas primaveras e seu rosto é tão fresco e avelludado que lembra um pecego sazonado.

Seus cabellos, finos e brilhantes como fios de sêda, são doirados e faiscantes como raios de sol.

Seus olhos são azues, humidos e fulgurantes como duas enormes saphyras orientaes.

Os cilios são pretos, longos e abundantes e as sobrancelhas tão finas e perfeitas, como si os pinceis gloriosos e romanticos de Raphael as tivessem traçado.

A bôcca é pequena e rubra, tão rubra que parece formada por petalas de papoulas.

Os dentes, brancos e meúdos, têm os reflexos das pedras lunares.

E' de pequena estatura e porte gentil.

Quando deslisa pelas salas de armas, acompanhada de suas aias e damas de honra, desde os mais nobres e bravos guerreiros, até o mais humilde dos pagens sentem bater o coração tão depressa e desordenado, como o passarinho selvagem que entra pela primeira vez na gaiola e, na ansia da liberdade, bate as azas com furia e angustia sem conseguir fugir.... E Marisol, indiferente e pensativa, passa... Passa lembrando-se do trovador desconhecido e enamorado, que do immenso bosque que se estende ao pé do castello e amparado no mysterio da noite lhe envia as apaixonadas e dolentes juras de amor.

E, emquanto Marisol passeia, a lua apparece no horizonte, luminosa e prateada, fazendo fugir as sombras da noite para as profundezas do bosque e banhando os terraços dessa luz clara e doce das perfumadas e romanticas noites de maio.

O luar, radioso e transparente, faz da princeza uma apparição olympica e serena e o seu toucado, rico e gracioso, brilha offuscante como as gottas de orvalho sob as primeiras luzes da aurora.

Os vestidos, em brocados de ouro e prata, são tão bellos que lembram raios de sol e fulgor de estrellas.

O manto de purpura e arminho, cujas pontas seguram suas mãos pequeninas cruzadas ao peito, é tão comprido, que dois pagens vão levantando-o á distancia.

Os cabellos são presos por uma preciosa tiara gemada de topazios, rubis, crysolitos e esmeraldas.

Os sapatinhos de setim branco bordados de perolas que parecem lagrimas crystallizadas.

B A L L A D A   T R I S T E *(Conclusão)*

Sobre um tapete oriental estão sentadas as damas que acompanham e, para distrahir a joven castellã, começam a tocar docemente as guzlas, as violas e as harpas.

A musica é tão suave e melodiosa, que os passaros do bosque parecem a estar escutando em religioso silencio.

Os cysnes do lago pararam extasiados e os pavões brancos voaram até o terraço para ouvil-a mais de perto.

A propria princeza, fascinada pelo rythmo da melodia, quer dançar... E, para isso, despoja-se do manto de purpura e arminho e da tiara e, com os fulvos cabellos soltos ao vento, lembra uma nympha, uma fada, uma apparição de sonho, um redemoinho de flores, que girasse phantasticamente illuminada pela luz argentea das constellações que naquella noite scintillam no alto como lyrios de prata.

De repente, se ouve a voz harmoniosa e acariciadora do trovador.

A princeza pára de dançar.

As damas fazem calar os sons doces e suaves das guzlas, das violas e das harpas e ouvem em silencio, o alaúde que quasi em surdina sonoriza a romanza de amor que, vinda do bosque, faz palpitar a bella Marisol.

De um recanto, certa sombra, pesada e grosseira, avança extende um arco de flecha aguçada... Corta os ares um assobio e a setta passa como um relampago ante a princeza.

No bosque, acaba o canto bruscamente, num grito de dôr e agonia...

Ha um silencio de espanto...

Uma gargalhada brutal e prolongada...

Um vôo e reboliço de pavões...

Um desmaio no terraço e, no lago, uma fuga de cysnes.

...Depois, a noite clara e fria, com a lua cada vez maior e mais prateada, vae voltando pouco a pouco ao silencio e á quietude...

Dias após, emquanto a princeza continúa a deslisar nos terraços, como uma sombra, cada vez mais triste, mais melancolica e mais pensativa, o velho guardião dos bosques que circumdam o castello termina choroso e tremulo uma tosca cruz, que, junto á inscripção, ingenua e sentida, irá lembrar, a quem por lá passar, que, naquelle canto do bosque e ao pé daquella accacia, seu filho, o joven e bello pastor morreu abraçado ao seu alaúde, com o coração atravessado por uma setta e tendo ainda nos labios uma canção de amor...

. . . .

Quantas vezes, num gesto de egoismo brutal, lançamos palavras que ferem e matam como as settas do arqueiro e, emquanto satisfeito se inconscientes gozamos o nosso triumpho, as pobres creaturas attingidas definham de dôr, esmagadas pelo prazer bárbaro duma phrase leviana e cruel!

A ARTE DE ROUBAR

A historia que se segue me foi contada quasi textualmente por um individuo outr'ora chefe de um bando especializado no roubo aos viajantes de joalheria da Inglaterra, e já retirado do crime. O episodio principal que produziu, em sua época, a maior sensação e permaneceu em grande parte em um mysterio que, afinal, esclareceu a presente publicação.

"Costuma-se dizer que os ladrões não fazem bem a ninguem. Não concordo com essa opinião. Sustento que o bando com que trabalhei produziu beneficios a muitas pessôas, e que alguns joalheiros deviam agradecer-nos o nosso *trabalho*.

"As joias foram minha especialidade e nesse ramo realizei algumas operações tão bem planejadas, que até o presente a policia não conseguiu descobril-as.

"Durante longo tempo operamos com os joalheiros tão regularmente e com tanta segurança como si houvessemos tirado patente para exercer livremente nossa profissão. Ha muitos joalheiros viajantes e os mais importantes levam em seus cofres mercadorias no valor aproximadamente de cinco mil libras esterlinas.

"Os methodos para despojál-os de seus valores não são obra do acaso nem da audacia improvisada. Requerem um plano minucioso, engenho para executál-o e muita paciencia.

"Houve occasiões em que segui um individuo durante dez semanas, até que se apresentasse o momento opportuno. A maior parte de nossos trabalhos deslisou com uma facilidade surprehendente, mas em alguns nossos planos tropeça com serios inconvenientes.

"Um dos primeiros e talvez o melhor foi levado a effeito em um hotel do norte da Inglaterra. Nessa occasião offerecemos ao joalheiro dois shillings de carvão de pedra, em troca de joias que valiam doze mil libras esterlinas.

"O homem costumava levar sua mercadoria em dois cofres de regular tamanho, e estes iam, por sua vez, dentro de um grande cesto quadrado, de tampa chata.

"Averiguamos que elle parava sempre nesse hotel e que, com toda regularidade, se retirava na sexta-feira, deixando o cesto no hotel, para passar com sua familia os dois ultimos dias da semana, regressando na segunda-feira.

"Conseguimos um cesto mais ou menos do mesmo tamanho do do joalheiro e nelle collocamos dois cofres de tamanho igual aos seus. Nesses cofres continham carvão para lhes dar peso.

"Pois bem. Continuo minha narrativa: conseguidos os dois cofres, cheios de carvão, e collocados dentro do cesto, eu me transportei, com essa bagagem, ao hotel onde se hospedava o viajante de joias.

"Cheguei á tarde, tomei um aposento e meu cesto foi colloiado no *hall*. Não havia, no hotel, um quarto especial para bagagens. De maneira que, quando estas eram muito volumosas, em vez de leväl-as para os aposentos dos hospedes, os deixavam em um recanto do *hall*, sob a guarda do porteiro.

"Pouco depois, chegou o joalheiro, de regresso de seu gyro semanal. Mandou collocar seu cesto junto ao meu, e partiu para sua habitual viagem de recreio de dois dias. Embora pareça estranho que uma pessôa deixe assim, sem mais nem menos, em um *hall*, uma bagagem que contém um valor de doze mil libras, o facto é verdadeiro, e, mais ainda, frequente. Nunca succedêra nada desagradavel a esse viajante. Elle havia feito o mesmo uma infinidade de vezes, e o hotel era um estabelecimento respeitavel, tranquillo e de freguezia escassa e conhecida.

"Já de noite, chegaram meus companheiros tambem á procura de alojamento no hotel. De accordo com o combinado, simulavamos não conhecer-nos. Afim de não chamar a attenção como visitantes novos, dias antes nos haviamos hospedado no hotel um ou dois dias, embora não simultaneamente.

"Quando todo mundo se havia retirado para seus aposentos, desci ao *hall* e disse ao porteiro que me fizesse servir, á hora de fechar a porta um pouco de whisky quente. Respondeu-me elle que a essa hora o bar estava fechado e que não haveria ninguem para mo levar a meu aposento.

"— E o senhor não mo póde levar quando se for deitar? — perguntei-lhe. — Não lhe custa nada entrar e deixar-mo. Preciso, para dormir, tomar whisky, de accordo com a prescripção do medico.

"Essa razão e uma gorgeta o decidiram a satisfazer-me. Eu pretendia averiguar a hora a que se deitava o porteiro. Saberia que quando trouxesse o whisky, se retirava para seu quarto.

"Tudo occroreu como eu havia previsto. Bebi o whisky e depois chamei meus companheiros. Um delles ficou de vigilancia, afim de ver si o porteiro tornaria a descer. Os outros — éramos quatro — descemos ao *hall*.

"Foi tarefa fácil e rapida tirar os cofres do cesto do joalheiro, pôr em seu logar os meus, cheios de carvão, e collocar em meu cesto os cofres que continham as joias. Tão fácil, que dá vergonha contál-o. Depois, voltamos todos a nossos aposentos. Dormi como um justo até pouco antes das seis, quando o porteiro do *hall* veiu despertar-me, como eu lhe tinha pedido. A's seis e meia, eu me encontrava com meu cesto em um carro a caminho da estação. Pouco depois, chegavam meus companheiros, e tomámos juntos o trem para Londres. As joias foram repartidas e nós nos separámos muito antes que, no hotel, se tivesse a menor suspeita de que havia occorrido alguma coisa. Nos cofres deixámos, justamente com o carvão, uma nota em que recommendavamos ao viajante que tivesse mais cuidado com os interesses que se lhe confiavam.

"Quanto aos cofres e cestos vazios, os despachámos, para despistar a policia, para uma estação longinqua, creio que Bristol, onde as autoridades os descobriram doze mezes depois.

"Feita a partilha, nos apressamos a separar-nos. Cada um partiu para uma localidade differente, e durante dois mezes não nos vimos nem mantivemos relações.

De Alfredo Edgard

"Outro de nossos notaveis trabalhos causou, em seu tempo, verdadeira sensação publica. Vale a pena referil-o.

"Neste caso o viajante joalheiro tinha uma só mala grande. Com a regularidade de um relogio, costumava deixál-a no quarto de bagagens de determinada estação ferroviaria, quarto que um empregado da estação fechava com chave.

"Antes de tudo, observamos o tamanho da mala do joalheiro e depois adquirimos outra capaz de contêl-a. Fui com essa mala para a estação e a fiz collocar no quarto de bagagens momentos antes que chegasse o joalheiro com a sua, á invariavel hora do costume.

"Além disso, haviamos procurado uma mala bem grande, especie de bahú, a que chamamos *boudoir*. Era um bahú especialmente preparado que se podia abrir por dentro, e tinha alguns orificios dissimulados, pois nelle se devia metter um de meus companheiros, homem pequenino, que não chegava a pesar cincoenta kilos.

"O quarto de bagagens onde o joalheiro deixava sua mala era o da plataforma numero 1.

"— Como? Só ha um empregado na estação? — exclamei. — Faça-me o favor de guardar-me esta bagagem.

"— Precisa della esta noite, senhor? — perguntou-me elle, emquanto ia buscar um caderno.

"— Não. Só preciso amanhã.

"E' claro que julguei necessario explicar-lhe que amanhã podia ser ás doze e trinta.

"Isso bastou para que elle levasse a bagagem para o quarto da plataforma numero 1, que era o que estava mais proximo.

"Recebi meu bilhete dei uma gorgeta ao empregado e comecei a afastar-me lentamente. Detive-me em um logar propicio para ver, pouco depois, que o empregado fechava cuidadosamente o quarto de bagagens e se dirigia ao encarregado do quarto da plataforma numero 4 a quem entregava as chaves.

"Quando vi livre o *campo*, me approximei do quarto de bagagens fingindo-me como por acaso, para accender um charuto, e dei com o pé tres pancadas na porta.

"Era esse o signal para que meu companheiro sahisse do bahú e agisse. Foi o que fez.

"Sahi da estação. Dei uma volta pelas ruas e regressei poucos minutos antes do trem das doze e trinta. Era um trem rápido para Londres. Dirigi-me rapidamente ao quarto de bagagens da plataforma numero 1. Dei as pancadas combinadas na porta, para que meu cúmplice estivesse alerta, e corri á procura de um empregado da estação.

"Pedi-lhe que collocasse meu bahú no vagão de carga do meio, que nunca leva guarda.

"Partiu o trem, levando-me como passageiro em um carro de primeira classe. O problema que se me apresentava, então, consistia na maneira de fazer sahir, do *boudoir*, meu cúmplice. Quando o trem chegou a Rugby o vagão de carga foi aberto para deixar e receber bagagens. Produziu-se a costumada agitação. Desci do carro, como quem vae dar alguns passos para se espreguiçar, e colloquei-me junto á porta do vagão de carga.

"— Tudo vae bem. Saia — disse a meu cúmplice, emquanto deixava cahir a toalha de viagem. — Levantei-a e a desdobrei por completo, deante da porta do vagão, com o pretexto de sacudil-a. Sacudi-a varias vezes, isto é, durante o tempo necessario para que meu cúmplice sahisse do *boudoir* e saltasse do vagão na *gare*, occulto por minha toalha aberta.

Succo de laranja

INAUGURARA-SE o novo edificio de um banco nacional. Festa. Doces. Champagne.

Nem podia deixar de ser assim, porquanto muita gente faz festa a qualquer proposito e come doces e bebe champagne sob quaesquer possibilidades: e ainda só tudo isso, quando não ha meios de se ageitar um banquete, com ou sem magnificencias, comtanto que haja opportunidade de se fazerem discursos em abundancia de loquacidade, rios de materias susceptiveis de fermentação, os quaes correm da bôcca dos tagarelas!

Tambem, depois de tanta champagne, nem pode deixar de ser assim...

Ignaurára-se o novo edificio do banco: é este o ponto fundamental da presente narrativa.

A vida não estava e canta: era o que se ouvia a cada instante por toda parte. E quem não quer passar *vida de cão*, procura a seu modo ganhar o pãozinho de cada dia como melhor se lhe ajusta o meio.

Pela leitura dos jornaes soubéra certo individuo, possuidor de algumas centenas de mil reis, da existencia do novo edificio, cuja inauguração se déra com a presença de altas autoridades civis, de altos commerciantes. Soubéra tambem da beberagem de champagne e, como o superintendente do banco seu coestaduano e conhecido de longos annos, lembrára-se de empregar o pequeno capital naquelle estabelecimento bancario; não para o depositar em conta corrente nem de fórma alguma nelle fazer depositos, mas para negociar numa dependencia do prédio e sem prejuizo dos negocios bancarios.

Parece coisa muito complicada mas é simples. Desejava um cantinho do predio para se estabelecer ali e vender succo de laranja. Está em voga beber-se o sumo, o succo nutritivo da laranja e bem gelado, razão pela qual foi acceita a proposta.

Attento á temperatura de nosso clima, vae dando bom resultado o neo-negocio com avantajada freguezia, principalmente na força do verão; por isso, tambem ia sendo feliz o negociante em causa.

Julgado este pela physionomia, tinha os haveres augmentados de modo progressivo e agradavel.

Dispertara elle a inveja contra si. Um *amigo intimo* procurava intrigal-o com um director do banco. Indignado este e sem prévio exame acerca da machinação occulta, pretendêra prejudicar o negociante.

Emtanto, nenhum prejuizo pudéra causar-lhe á vista do contracto, cuja copia mostrára o superintendente ao precipitado director.

Tudo em vão, mas o *amigo intimo*, perturbado pela inveja, não descansaria emquanto não conseguisse fazer mal ao outro.

Como?! Com que meios?!

Ao *amigo intimo*... bem lhe importavam os meios! Só desejava chegar ao fim almejado: por qualquer modo causar desprazer ao outro.

Já tinha muito dinheiro o negociante e cada vez prosperava mais. Vivia feliz. Vivia sorrindo. Era preciso ser destruida a felicidade... Era preciso deixar de sorrir!

Dá-se um escandalo perto do banco e em frente ao pavimento terreo, onde se achava installado o negocio do succo de laranja.

A' tarde, dão os vespertinos a noticia do escandalo, envolvendo no caso o negociante invejado, que nada tinha com a coisa!

Trabalhinho do *amigo intimo*, afim de se desgostar a direcção do estabelecimento bancario e afim do negociante deixar de sorrir...

Poucos dias depois, como si nada acontecesse, continuava tudo como anteriormente: a crescente prosperidade do negociante, a mesma confiança dos funccionarios nelle depositada, o mesmo sorriso permanente bailando-lhe nos labios.

Por ultimo, recorrêra o *amigo intimo* a um ardil: ia pedir-lhe dinheiro emprestado, premeditando o calote. Sorria intimamente da peça que lhe pregaria, do desgosto resultante da velhacada. O negociante, porém, já estava sciente das más intenções do *amigo intimo* para comsigo e aparára o golpe com habilidade.

Certo dia, chegára este, fingindo estar cheio de humildade christã, com muita submissão contára ao negociante uma historia complicada da sua vida intima e concluira a pedir emprestado certa somma de dinheiro.

O negociante, como era natural, lembrára-lhe o Banco, onde sabia ter o outro intimidade, pelo menos, com um dos directores.

Era verdade, confirmára, mas, acêrca do assumpto, falava-lhe com mais confiança do que ao director referido.

Agradecêra a confiança; porém não era possivel emprestar-lhe o dinheiro: com muito sentimento lho declarára.

Com arrogancia agora, queria ter sciencia do porquê da recusa.

Sabia o negociante da existencia do ditado "quem pergunta quer saber". E'ra-lhe facil explicar ao *amigo intimo*... E explicára:

— Fiz este contracto com o superintendente: só o banco empresta dinheiro, e eu só vender succo de laranja...

HORMINDO LYRA

DEVEM SER TRADUZIDOS OS NOMES PROPRIOS ?

A proposito deste assumpto verificou-se, ainda ha pouco, uma controversia entre os escriptores hespanhoes Alvaro Alcalá Galiano e Luiz Araujo Costa. O primeiro reputa ridiculo o costume, bastante divulgado na Hespanha, de chamar Paulo Baurget, Anatolio France, etc., habito que chega ao abuso quando se traduz Bayardo de Bayard, e — o cumulo! — Bernardino de São Pedro, de Bernardin de Saint-Pierre.

Contestando, diz Araujo Costa que a tradição e o uso é que regulam se se devem ou não traduzir os nomes proprios, pois os proprios francezes em muitas occasiões têem dado esse exemplo (Don Quichote — Don Quijote, Boccacio, Boccace, etc.) E' verdade — diz ainda Araujo Costa — que temos feito muitas adaptações e hispanisado muitos nomes, mas, ainda não chegámos ao disparate de chamar Ruiz a Racine, Pedra Alegre a Gladstone, Tecedor a Weber, etc.

PALAVRAS DE "SONORIDADE MYSTICA"

Falando sobre a efficacia das orações e discursos, affirmou Maurice Barrès que ha palavras que constituem riquissimo cabedal nos labios de um tribuno que saiba aproveital-as convenientemente. Entre essas palavras, que Barrès diz de "sonoridade mystica", incluem-se fanatismo, capitalismo, proletariado, burguezia, patriotismo.

Maura, analysando a affirmativa de Barrès, diz que, de facto, taes palavras têem uma força extraordinaria quando os escuta um publico todo coração mas que não têem nenhuma influencia sobre um publico de mediana intelligencia.

Assim, para um operario socialista, por exemplo, a palavra burguezia encerra numerosas suggestões e fala-lhe de tudo que lhe falaram os publicistas e apostolos do socialismo...

Dahi porém a efficacia do que Barrès chama "palavras mysticas", que empolgam, bruscamente, certos espiritos, e que, realmente, muito podem, mais, porém, pelo que suggerem que pelo que significam...

A PENITENCIA

O poeta Mac Gaschen e eu fomos a Cornonaille em búsca de velhas lendas célticas. Depois de uma longa estadia em Quimper, chegamos a Saint-Guenolé, e, emquanto nosso *chauffeur* levava seu Quarenta cavallos á garage, deante dos olhos espantados dos habitantes do logar chegámos a casa do vigario, que tinha veleidades de poeta e que nos havia convidado para almoçarmos em sua companhia.

Quando a velha criada serviu o café, capaz de resuscitar um morto, Mac Gaschen disse:

— Que paiz maravilhoso, este! Os habitantes, estes ingenuos bretões, não sabem si Napoleão ainda vive. Mas em Saint-Patrick, minha terra na Irlanda, no dia em que se decidam visitar-me, encontrarão historias assombrosas. Nossos campónios são ainda mais atrazados. Quasi todo o povo não sabe escrever seu nome..., nem ler siquer..., e nos povoados os curas são tão pobres e ingenuos como os camponezes. Mas são tão bons, que não precisam sciencia para chegar ao coração de seus parochianos. Conhecem a provincia de Ulster? Sim?... Meu pae tem um castello alli, nas montanhas. E' uma terra aonde nunca chegou nada de novo. Um dia, um pequeno circo ambulante com sua filha, esperando para se confessar. E quando por acaso, aquellas paragens um *clown* adoecêra e os empresarios não tinham dinheiro para chegar até Belfort.

"Vocês sabem como somos catholicos na Irlanda. Paques, o *clown*, não era muito religioso. Mas sentiu renascer sua fé após enfermidade que o collocára ás portas da morte, o que é commum.

"Foi se confessar, e o cura, que não era um grande sabio, segundo parecia, e que não conhecia nada fóra de seu povoado, depois de ouvir os peccados do *clown*, lhe perguntou:

"— Vovê é estrangeiro, meu filho?

"— Sim, padre.

"— E qual é sua profissão?

"— Sou acróbata.

"— Acróbata? Mas, que é isso?

"— Trabalho no circo. Dou saltos mortaes, sustento-me em um braço, equilibro-me no ar...

"— Não comprehendo... Que é dar saltos mortaes, sustentar-se em um braço, equilibrar-se no ar?...

"— Espere um pouco, padre, que eu lhe vou demonstrar. Dão-se duas voltas no ar e fica-se com a cabeça para baixo, apoiado nas mãos, com os pés para o ar. Assim!

"Em um recanto da igreja havia uma pobre velha com su afilha, esperando para se conffesar. E quando a mãe viu o homem com os pés para o alto, disse a sua filha:

"— Anda! Vamos embora, Betsy! Seu vigario está hoje muito rigoroso nas penitencia!"

JORGE ARAUJO

A PARTIDA DO SORTEADO

A noticia de que o Zeca da Briúna havia sido sorteado, tendo de prestar serviço ao Exercito, ecoou na Lagôa dos Claudios como um acontecimento lamentavel.

As pessôas de sua numerosa familia, quando receberam o aviso que um negociante ambulante trouxéra de Peripery, derramaram tão copioso pranto, que parecia haver desapparecido subitamente do rol dos vivos um dos seus entes mais caros.

Na vizinhança ferviam os commentarios mais pittorescos. Alguem dizia que esses soldados *recuttas* eram submettidos ás mais terriveis provações. Outros affirmavam que, quando elles não marcavam o passo direito, eram mettidos na prisão, passando fome, comendo apenas um pão por dia. E vinham assim, á baila, naquella povoação, as mais absurdas hypotheses sobre o futuro *modus vivendi* do Zeca.

O velho João Calaça, corpanzil estirado ao longo da rêde, armada no alpendre de sua casa, resmungava :

— "Negocio com gunverno nem-pr'a ir p'r'o céo. Quem teve o caiporismo de cahir na listra dos sorteado é munto feliz se voltar são da guerra. Elles arreculutam os pobre dos matuto p'ra insultar com as outras nação e botar os besta na frente, como isca".

Tudo isso calava na alma do Zeca da Briúna. Espirito rustico, simples, dava credito a tudo que se dizia. Quasi chegou a enlouquecer. Pensou em abandonar a familia e ganhar o mundo. Vivia preso ás mais extravagantes cogitações. Architectava mil conjecturas.

Mas, afinal, um dia, convenceu-se de que devia ir. Fugir era feio. Um gesto de covardia não se coadunava com a nobreza de todos os seus actos, até aquella data. E, embrenhando-se matta a dentro, como um fujão, nunca mais veria a Janoca, sua noiva, pois seria considerado *desertô*.

E' quasi impossivel descrever-se o terror que se apodéra dos sertanejos, quando se fala do sortéio militar. Impressionam-se. Ainda não chegaram a comprehender a finalidade dessa medida. As *victimas*, aquelles cujo nome figuram na lista dos *gunvernos*, ficam fornecendo assumpto forçado a todas as reuniões.

Dias e dias os vizinhos e conhecidos lamentam a sorte do pobre rapaz.

Foi justamente o que aconteceu com o Zeca da Briúna. Ficou triste, deixou de frequentar os sambas, onde a alma matuta experimenta as maiores sensações de alacridade. Andava só, desolado, perambulando á tôa pelas *crôas* dos rios, com o espirito agrilhoado a pensamentos sinistros.

Uma vez, deitou-se á sombra farta e acolhedora de uma velha oiticica, cahiu em modorra e teve este extravagante sonho : "Via-se numa guerra, ouvindo o som estridente da corneta dos adversarios. Recebêra ordens do commandante para se preparar com os seus companheiros, afim de seguirem para o campo da luta. Collocou o facão á cinta, pegou no rifle e seguiu por entre a massa compacta dos seus amigos. Chegando a um alto, enxergou os inimigos acampados lá muito em baixo, sob grandes arvores, á margem de um riacho.

— Parece-me que foi o senhor mesmo quem me cortou o cabello a ultima vez.

— O cavalheiro deve estar enganado. Faz apenas um anno e meio que estou na casa.

Antonio Marrocos de Araújo

"O commandante deu ordem de avançar. Quasi não tivéra coragem de mover-se. Mas, quando ouviu o toque vibrante e limpido da corneta, creou alma nova. Investiu com um desassombro de causar pasmo. A luta travou-se a arma branca. Puxou o seu facão, metteu-se por entre os adversarios, furando, cortando carnes a torto e a direito. Ficou com esperança de vencer e sahir illeso. Mas, ao cruzar a lamina tinta de sangue com a espada de um inimigo de formidavel musculatura, vira alguma coisa voar pelo espaço. Era a folha de seu facão, que se partira. Sentiu, então, seu contendor metter-lhe a ponta da espada peito a dentro."

Nisso, accorda, sobresaltado. Entrega-se novamente ás suas tragicas cogitações e só muito tarde ruma para casa. E assim passou longos quinze dias, preso a grande soffrimento.

* * *

Chega, finalmente, o dia da partida. Afflúe grande massa de povo á sua casa de morada. Todos os vizinhos vieram trazer-lhe o consolo, no momento triste da despedida. No terreiro, sob gigantesco oitiseiro, estavam os cavallos, que deveriam servir de montaria aos amigos que iam ao bóta-fóra.

Na sala, o sorteado, cercado de parentes, camaradas, physionomia denunciando grande tristeza. Ao lado, olhos afogados em lagrimas, a sua inconsolavel noiva, desilludida do casamento, que tanto desejára realizar, como a primeira de suas aspirações. Seu velho pae, visivelmente emocionado, passeia a largos passos ao longo do corredor da casa.

Num quarto contiguo á sala, em chôro convulsivo, estava sua bôa mãe, deitada numa rêde, rodeada de amigas.

Era uma scena que compungia, scena de cortar a alma mais empedernida.

Chega o momento solemne. O Zeca approxima-se da noiva, extende-lhe a mão, perante todo aquelle povo, fazendo este juramento :

— "Minha querida Janoca, póde você ficar certa de que eu só não me casarei com você si Deus não quizer. Reze por mim e tenha fé, que ainda póde ser que eu volte são e salvo. Adeus!"

Ainda não eram acabadas essas palavrs e já a Janoca se encaminhava a uma janella, onde se debruçou, abalada por irreprimivel pranto.

Feitas as outras despedidas, com a reproducção de outros tantos episodios patheticos, o sorteado e a comitiva montaram as cavalgaduras fogosas e sahiram estrada a fóra.

A familia e os amigos do Zeca, olhos marejados de lagrimas, pregados no grupo que se afastava, articulavam : "Vae com Deus. As nossas orações te acompanharão sempre, p'ra que tu sejas muito feliz".

E os cavallos sumiram-se na curva distante da estrada, deixando uma nuvem de pó movendo-se no espaço, á mercê do vento...

O patrão (á nova criada, que tem as sobrancelhas e as orelhas manchadas de tinta). — Ah, Emilia! Esqueci-me de dizer-lhe que as fechaduras das portas estão pintadas de novo...

A CASA VASIA

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

O nosso calçado rangia no assoalho nú e a minha mão estendida bateu numa parede donde cahia o papel aos farrapos.

Os dedos ossudos e gelados de Holmes agarraram-me pelo pulso, e senti-me conduzir através de um longo vestibulo, e entramos numa sala grande quadrada, absolutamente desguarnecida, illuminada só a meio pelo clarão da rua, ficando os cantos na mais completa sombra.

Nem um bico de gaz havia ao pé desta sala, e os vidros estavam cobertos de uma camada de poeira tão espessas que mal podiamos differençar as nossas reciprocas figuras.

O meu companheiro poz-me a mão no hombro, e approximando os labios do meu ouvido, murmurou:

— Sabe onde estamos?

— Decerto em Baker Street — respondi eu olhando pela janella escura.

— Justamente, estamos em Camden House que é mesmo defronte da nossa casa.

— E porque estamos nós aqui?

— Porque d'aqui desfructamos admiravelmente a casa fronteira. Dê-se pois ao incommodo, meu caro Watson, de se chegar á janella com todas as precauções possiveis para não ser visto, e não perca de vista a nossa antiga casa — ponto de partida de tantas aventuras! Vamos a ver se os meus tres annos de ausencia me tiraram o poder de os surprehender.

Approximei-me sem ruido, e olhei para a janella que eu conhecia tão bem.

Quando alli puz os olhos, não pude reprimir um grito de admiração.

O store estava descido, uma luz intensa illuminava o aposento. Dentro, destacava-se no quadro luminoso da janella a sombra de um homem sentado numa cadeira.

Não havia que duvidar pela posição da cabeça, largura de hombros, e dureza de feições. A cara via-se a tres quartos, e dava o effeito destas silhuetas negras que, emmolduradas, agradavam tanto a nossos avós. Era o surprehendente retrato de Holmes.

Fiquei de tal forma estupefacto, que não pude deixar de estender o braço para me certificar que o homem a valer estava ainda a meu lado. Agitava-se num ataque de riso silencioso.

— Então? disse elle.

— Santissimo Deus! — exclamei — é maravilhoso!

— Creio bem que a idade ainda não me enfraqueceu, e que as minhas idéas continuam a primar pela variedade — disse elle (na sua voz senti o orgulho, e a alegria do artista que assiste ás suas creações) — não é verdade que a semelhança é perfeita?

— Eu ia jurar que era você!

— O merito da execução é devido ao senhor Oscar Meunier, de Grenoble, que levou muitos dias a modelal-o. E' um busto de cera, que eu dispuz assim esta tarde na minha visita a Baker Street.

— Mas para que ?

— Porque, meu caro Watson, eu tinha as mais fortes razões para fazer crer e certas pessoas que eu estava ali, justamente, quando ao contrario, andava por fóra.

— Julgava pois que a sua casa estava vigiada?

— Sabia-o.

— Por quem?

— Pelos meus antigos inimigos, Watson, por esta bella sociedade cujo chefe está no fundo do precipicio de Reichembach. Você lembre-se que esta gente era a unica que sabia que eu estava vivo; elles pensaram que mais tarde ou mais cedo eu voltaria á minha casa, e tiveram o cuidado de a vigiar sem descanço; esta manhã viram-me chegar.

— Como sabe isso?

— Porque reconheci o seu espião a olhar para a janella. Não é homem perigoso: chama-se Parker, é estrangulador de profissão, e um artista na harpa. Este não tinha eu que temer, mas não se dá o mesmo caso com o terrivel sujeito que o dirigia, e que havia sido amigo intimo de Moriarty, o que me atirou as pedras de cima do monte, o mais astuto e mais perigoso facinora de Londres. E' o homem que anda esta noite á minha procura, Watson, e não suspeita que nós tambem lhe andamos na pista.

Pouco a pouco comecei a abranger o plano do meu amigo. Deste commodo retiro, os espiões eram espionados, e os caçadores caçados.

Aquella sombra angulosa era a isca e nós eramos os caçadores. Em silencio, na obscuridade observamos todos que passavam por deante de nós. Holmes estava taciturno e impassivel, mas eu bem via que elle continuava alerta, e que os seus olhos se fixavam avidamente na multidão que circulava.

A noite estava fria, o vento soprava com furia encanado por todo o coprimento da rua.

Os transeuntes andavam apressadamente embuçados nos seus sobretudos e foulards. Uma ou duas vezes pareceu-me ver uma cara já conhecida, e notei em especial dois homens, que se me afigurou porem-se ao abrigo do vento debaixo do portão d'uma casa situada um pouco mais acima.

Tratei de chamar para elles a attenção do meu amigo, mas elle limitou-se a fazer um gesto de impaciencia e continuou a examinar a rua.

De vez em quando mexia os pés, e com os dedos tamborilava na parede. Era evidente que não estava satisfeito, e que o seu plano não se realisava nas condições por elle desejadas.

Emfim, como era perto da meia-noite, e a rua ia ficando deserta, poz-se a passear pelo quarto numa agitação que não podia vencer. Ia eu fazer-lhe qualquer observação, quando ao levantar os olhos para

a janella illuminada, fiquei tão surpreso como da primeira vez: agarrei no braço de Holmes, apontando-lhe com o dedo.

— A silhueta mexeu-se! — exclamei eu.

Com effeito, já não viamos o perfil: eram as costas que estavam voltadas para nós.

Os trez annos decorridos não tinham embotado as asperezas do seu genio, nem a sua impaciencia, quando encontrava uma intelligencia menos activa que a sua.

— Pois está claro que mexeu — disse. — Então eu sou tão tolo, Watson, que vá collocar um manequim cujo ardil salte aos olhos, e supponha que os malfeitores mais espertos da Europa se deixam embair? Nós estamos aqui ha duas horas, e Mrs. Hudson já oito vezes mudou a posição do manequim, quer dizer, uma vez cada quarto de hora; ella faz a mudança pela frente, para não lhe verem a sombra. Ah!...

Susteve a respiração com um pequeno ruido secco. Na vaga clavidade, divisei-lhe a cabeça pendida para a frente na attitude da mais viva attenção. Lá fóra a rua estava de toda deserta. Os dois homens conservavam-se talvez ainda mettidos no portão, mas eu já não os via.

Estava tudo silencioso e sombrio, á excepção daquelle quadro luminoso que se apresentava diante de nós, e no qual se destacava a silhueta negra. Ouvi de novo no meio daquelle silencio o assobio, que no meu companheiro denotava poderosa excitação.

Um instante depois, empurrou-me para o canto mais escuro da sala, e senti-lhe a mão na minha bocca. Os seus dedos tremiam. Nunca lhe conheci uma tão grande commoção, e no entanto a rua continuava sombria, e deserta.

De repente percebi o que os seus sentidos mais subtis tinham já distinguido. Chegou-lhe aos ouvidos um ruido surdo e abafado, não do lado de Baker Street, mas sim da propria casa onde estavamos escondidos. Abriu-se e fechou-se uma porta, depois ouviram-se passos no vestibulo, que resoaram lugubremente na casa vasia.

Holmes cozeu-se com a parede; eu fiz o mesmo empunhando a coronha do revolver. Na obscuridade vi apparecer a sombra dum homem, que se destacava vagamente em negro no fundo escuro da porta aberta.

Parou um instante, avançou com precaução e com ar ameaçador. Esta sinistra figura estava a trez metros de nós, e eu preparava-me para lhe suster o ataque, antes mesmo de pensar que elle não podia suspeitar da nossa presença.

Passou quasi rente de nós, dirigiu-se para a janella, devagarinho, sem bulha, levantou-a alguns centimetros. Enquanto se ajoelhava para se pôr á altura do parapeito, a luz da rua, que a espessa poeira das vidraças já não obstruia, bateu-lhe na cara. Parecia extremamente excitado, os olhos brilhavam-lhe como duas estrellas, e a physionomia agitava-se convulsivamente.

Era um homem de edade, de nariz fino, muito accentuado, testa alta e calva, e grande bigode grisalho. Tinha o chapeu alto deitado para traz, e via-se-lhe uma camisa de *soirée* debaixo do sobretudo entreaberto. Tinha a cara magra e queimada, com rugas profundas que lhe davam um aspecto selvagem.

Segurava na mão um objecto que parecia uma bengala, mas que produziu um som metallico quando o poz no chão, tirou da algibeira uma cousa volumosa, e pareceu muito absorvido num trabalho que terminou por um estalo como uma mola ou fecho que estalasse.

Sempre ajoelhado no chão, iniciou-se para deante, apoiando-se com toda a força sobre uma especie de alavanca, ouviu-se como um rangido, depois um som de gatilho, ainda mais accentuado.

Levantou-se, e vi que tinha na mão uma espingarda de forma muito esquisita. Abriu a culatra, poz-lhe qualquer coisa dentro, e tornou a fechar o ferrolho. Em seguida, abaixando-se, apoiou o cano ao parapeito da janella, vi-lhe o grande bigode roçar pela coronha, e os olhos brilharem-lhe emquanto firmava a pontaria.

Ouvi-lhe um leve suspiro de satisfação quando chegou a coronha ao hombro, alvejando a silhueta negra que se destacava sobre o quadro fronteiro. Conservou-se assim um momento, depois pôz o dedo no gatilho; ouviu-se um ruido surdo, e um longo silvo seguido do som argentino de vidros quebrados. No mesmo instante, Holmes precipitou-se como um tigre sobre o atirador, lançando-o de cara ao chão.

Este levantou-se dum salto, e apertou convulsivamente o pescoço de Holmes, mas eu atirei-lhe á cabeça uma coronhada do meu revolver que o fez cahir de novo ao chão. Salto sobre elle, seguro-o emquanto o meu companheiro apita. Sentem-se logo passos que correm pelo passeio, e dois policias uniformisados, precedidos dum policia secreta, entram a toda a pressa, penetrando no quarto.

— E' você, Lestrade? — perguntou Holmes.

— Sim senhor Holmes, quiz eu mesmo encarregar-me deste negocio. Estimo immenso tornar a ver o senhor em Londres.

— Creio que você tem necessidade de mais algum auxiliar alem do seu pessoal. Veja lá, num anno trez assassinatos cujos autores não foram descobertos; isto não póde continuar assim. Emfim você tem, contra os seus habitos, conduzidos o negocio do mysterio de Molesey com menos.. quer dizer que aquillo não tem andado muito mal...

(Continúa na pag. seguinte)

Nós todos nos tinhamos levantado; o nosso prisioneiro, cercado pelos dois agentes, tinha a respiração offegante. Já alguns noctivagos começavam a formar grupos na rua.

Holmes foi á janella, abaixou-a, e desceu os stores. Lestrade accendeu duas velas, os policias destaparam as suas lanternas, e pude encarar o nosso prisioneiro. Era uma physionomia mascula e sinistra, que tinhamos diante de nós, uma testa de philosopho, um queixo sensual.

Este homem devia estar reservado para grandes destinos, para o bem ou para o mal. Era impossivel fitar aquelles olhos azues guarnecidos de pestanas descahidas, nos quaes brilhavam uma cynica crueldade, contemplar aquelle feroz e agressivo nariz, aquella fronte sombria cheia de profundas rugas, sem sentir terror dos stigmas perigosos que a Natureza alli havia estampado. Não fez caso nenhum de nós; o seu olhar fixou-se unicamente em Holmes com uma expressão de odio, e ao mesmo tempo de surpreza.

— Demonio! — murmurou elle — realmente tem uma astucia infernal!

— Ah! coronel — disse Holmes, endireitando o collarinho — quem se quer bem sempre se encontra, como diz o ditado. Julgo que nunca mais o tornei a ver, depois que teve commigo tão delicadas attenções, quando eu estava deitado á borda do precipicio de Reichembach.

O coronel continuou a encarar o meu amigo como estivesse a sonhar.

— Tem uma finura inerfenal —repetia elle.

Era só o que achava para dizer.

O IMPOSSIVEL. — O photographo. — Em que eu poderia servil-a, minha senhora?
A dama. — Eu queria que o senhor me ampliasse esta photographia, mas deixando a bocca assim como está.

— Ainda não o apresentei — disse Holmes — Este senhor que aqui vêem, é nem mais nem menos que o coronel Sebastião Moran, que outr'ora pertencia ao exercito real das Indias, e que passava pelo melhor matador de feras, que o nosso Imperio do Oriente jamais teve. Creio que tenho razão, não é verdade, coronel, em affirmar que nunca ninguem no mundo matou mais tigres do que o senhor?

O velho, furioso, não respondeu uma palavra, e continuou a olhar muito fito para o meu companheiro. Os olhos ferozes, o bigode eriçado, davam-lhe tambem a elle um aspecto do animal feroz.

— O que eu admiro — continuou Holmes — é que o meu estratagema, tão simples que uma creança o teria descoberto, illudisse a um espertalhão como o senhor. Nunca lhe aconteceu atar um cabrito a uma arvore, depois trepar a ella para se pôr á espreita com a sua carabina, esperando que aquella isca attrahisse a presa que cobiçava? Percebe a comparação?

O coronel Moran lançou-se para diante com um urro de raiva, mas os agentes seguraram-n'o. Era terrivel a colera que se lhe estampava no rosto.

— Confesso que me causou uma ligeira surpresa — disse Holmes. — O que eu não julguei é que se utilizasse desta casa vasia, e desta janella tão commoda; calculava que, pelo contrario, o senhor operasse na rua onde o meu amigo Lestrade, e os seus valentes companheiros o esperavam. Afóra isto, tudo se passou como eu esperava.

O coronel Moran voltou-se para o agente de policia, dizendo:

— Os senhores tem ou não motivos para me prender, mas o que não vejo é razão para que eu esteja aqui soffrendo as zombarias deste homem. Se estou em poder da justiça, quero que as coisas se façam legalmente.

— E' muito razoavel — disse Lestrade — o senhor Holmes não tem mais nada a dizer-nos antes de se ir embora?

Holmes tinha apanhado a terrivel espingarda de vento, e examinava-lhe o mecanismo.

— Aqui está disse elle — uma arma unica e admiravel; silenciosa e de grande alcance! Eu conheci Von Herder, o engenheiro allemão cego, que a fabricou sob a direcção do professor Moriarty, hoje fallecido. Ha annos que eu sabia da sua existencia, sem nunca ter tido o prazer de a examinar senão esta noite. Recommendo-a especialmente á sua attenção, Lestrade, assim como os respectivos projectis.

— Pode ficar certo que examinei isso, senhor Holmes — disse Lestrade, ao mesmo tempo que o grupo se dirigia para a porta de sahida. — Nada mais tem a dizer-me?

— Desejo só que me diga qual é a accusação que vão fazer-lhe?

— Ora essa! Está entendido, de tentativa de assassinato na pessoa de Sherlock Holmes.

— Não, Lestrade; não quero figurar neste caso. A si, e só a si pertence a gloria (ou o proveito) desta captura notavel que acaba de fazer. Sim, Lestrade, acceite os meus parabens, porque foi devido ao seu habitual conjuncto de astucia e de audacia que você conseguiu prender o heróe de um extraordinario crime.

— Prendi a quem? Sim, a quem, senhor Holmes?

— Ao homem que a policia procurava debalde... O coronel Sebastião Moran, que matou o honoravel Ronaldo Adair, com uma bala explosiva lançada por meio de uma espingarda de vento através de uma janella aberta do segundo andar, da casa de Park Lane, 427, no dia 30 do mez passado. E' este o crime Lestrade. E agora, Watson, se a corrente d'ar de um vidro quebrado o não incommoda, creio que é tempo de irmos fumar um charuto para o meu escriptorio.

. . . .

A nossa antiga casa não estava mudada, graças ás precauções de Mycroft Holmes, e aos bons cuidados de Mistress Hudson. Ao entrar encontrei um arranjo ousado, mas as antigas recordações estavam todas no logar do costume.

A um canto a mesa das experiencias chimicas, cuja madeira branca estava manchada com os acidos; sobre a prateleira uma fila enorme de livros de notas e relatorios, que tantos dos nossos concidadãos desejariam ver destruidos, o calendario, a caixa da rabeca, o cabide dos cachimbos, até a chinela da Persia onde se mettia o tabaco; tornei a ver tudo isso num golpe de vista circular.

O quarto era occupado por duas figuras; primeiro por Mistress Hudson que se mostrou encantada por nos tornar a ver, e depois pelo extraordinario manequim que tinha tomado parte tão activa nas aventuras daquella noite.

Era um modelo do meu amigo, feito de cera, com tanta arte que a semelhança era completa. Estava collocado sobre uma coluna e vestido com um chambre velho de Holmes, de tal maneira que da rua a illusão era perfeita.

— Espero que Mistress Hudson tomasse todas as precauções, não é assim? — disse Holmes.

— Puz-me de joelhos, como o senhor me disse, para o arranjar.

— Está muito bem. Conseguiu admiravelmente o effeito. Já reparou onde a bala bateu?

— Sim, senhor, e receio que o seu magnifico busto tenha ficado muito estragado, porque a bala atravessou-lhe a cabeça e foi achatar-se na parede. Eil-a aqui!...

Holmes pegou-lhe e mostrou-m'a:

— E' uma bala de revólver, como você póde examinar, Watson — disse elle. — Um tiro de mestre, porque, quem acreditaria que um projectil destes pudesse ser atirado por uma espingarda de vento? Muito bem, Mistress Hudson, agradeço-lhe o seu auxilio. E agora, Watson, sente-se no seu antigo logar, porque desejo discutir com o amigo varios outros pormenores.

Tinha despido a velha sobrecasaca, e enfiou o chambre côr de rato que tinha despido ao manequim: era bem o Holmes de outro tempo!

— Os nervos do velho sicario não perderam a sua serenidade, nem a vista a sua precisão — disse elle rindo, e examinando a testa furada do busto. — O chumbo bateu na nuca e devia ter furado o craneo. Era o melhor atirador das Indias, e estou convencido que haverá raros em Londres que o egualem. Já tinha ouvido falar delle?

— Não, nunca.

— Pois bem! Ahi está o que é a gloria! Tambem, se me não engano, não ouviu falar do professor Moriarty, que foi um dos luminares do seculo. Queira dar-me o meu indice biographico que ahi está na prateleira.

Folheou as paginas com vagar, estendendo-se na sua poltrona, e deitando grandes baforadas do charuto.

— A minha collecção dos M é esplendida — disse elle. — Moriarty bastaria só por si para illustrar esta letra, e aqui temos nós mais: Morgan, o envenenador; Merridew de sinistra memoria; Mathews, que me quebrou um canino na sala de espera de Charing Cross; emfim, cá está o nosso amigo desta noite.

Offereceu-me o livro, e li:

"Moran (Sebastião), coronel em disponibilidade. Pertencente ao n. 1 de sapadores, 1840, filho de Sir Augusto Moran, C. B., antigo encarregado de negocios na Persia. Educado em Eton e em Oxford.

"Fez as campanhas de Jowaski, do Afghanistan, de Cherasiabah (Serviço dos telegraphos), de Sherpur e de Cabul.

"Autor de "Caça ás feras no Himalaya occidental" (1881), "Tres mezes no Juncal) (1884).

"Endereço: Conduit Street.

"Clubs: Anglo-Indiano, Tankerville, Club de jogo de Bagatelle."

A' margem estava escripto na calligrafia muito clara de Holmes:

"O segundo entre os mais perigosos de Londres."

— E' assombroso — exclamei eu, tornando a dar-lhe o livro. A carreira deste homem é o de um soldado valoroso.

— E' verdade — disse Holmes — Até certa epoca conservou-se no bom caminho. Os seus nervos eram de aço, e conta-se ainda nas Indias uma historia a seu respeito. Tinha descido a um cano de esgoto á procura dum tigre ferido que devorava homens. Ha umas arvores, sabe você, Watson, que quando chegam a uma certa altura, rebentam de repente em protuberancias imprevistas; ás vezes tambem isso se dá na raça humana.

"A minha theoria é que os individuos representam no seu desenvolvimento a linha dos seus antepassados, e que as bruscas orientações para o bem ou para o mal, tiram a origem da hereditariedade. O homem não seria no fim de contas mais que o resumo da historia da sua familia.

— A theoria talvez seja muito arriscada!

— Por isso insisto. Seja como fôr, o coronel Moran orientou-se mal. Não podia ficar na India sem escandalo publico. Pediu a reforma, veiu para Londres

(Continúa na pag. seguinte)

— Cada vez peor: no mez passado fôste o penultimo da classe, e este mez és o ultimo!

— A culpa não é minha, papae: o ultimo ficou doente...

onde creou uma triste reputação. Foi nesta epoca que elle travou relações com o professor Moriarty, e durante algum tempo, foi o chefe do seu estado maior. Moriarty pagou-lhe generosamente, e nunca o empregou senão num ou dois casos, que um criminoso vulgar não se atreveria a emprehender.

"Lembra-se da morte de mistress Stewart, de Lander, em 1887? Não?! Pois estou certo que Moran tomou parte nesse crime, mas nunca se chegou a provar nada. O coronel occultava-se com tal habilidade, que quando a nossa rêde conseguiu apanhar toda a quadrilha, não houve sequer maneira de o accusar.

"Você lembra-se que nessa occasião eu ia visital-o á sua casa, e que tinha o cuidado de fechar as portas de dentro das janellas com medo das espingardas de vento? Você decerto me julgou um pouco maníaco, comtudo eu cá tinha as minhas razões, porque já sabia da existencia desta maravilhosa espingarda, e tinha sabido que ella estava nas mãos dum dos melhores atiradores do mundo.

"Quando partimos para a Suissa, seguiu-nos elle em companhia de Moriarty e sem duvida alguma foi elle quem me fez passar um terrivel quarto de hora á beira do precipicio de Reichembach.

"Como pode suppôr, durante a minha permanencia em França lia os jornaes com a maior attenção, contando sempre com qualquer acaso que um dia m'o entregasse. Emquanto elle estivesse em liberdade, corria o maior risco a minha existencia em Londres. A minha vida estaria noite e dia ameaçada por este homem que mais cedo ou mais tarde me apanharia.

"Que podia eu fazer? Era-me impossivel matal-o á queima-roupa, porque então era eu que ia para as galés. Não podia recorrer aos magistrados, porque se recusariam a fazer qualquer coisa, só por uma simples suspeita.

"Achava-me pois de mãos atadas, mas seguia de perto as causas crime, na convicção de que havia de chegar um dia, em que o apanhasse em flagrante delicto. Dá-se o assassinato de Ronaldo Adair. Emfim, as circumstancias me protegiam sabendo o que eu sabia, não seria de todo o ponto certo que o assassino era o coronel Moran?

"Tinha jogado o *whist* com a victima; seguiu-a do Club até casa; sem duvida alguma, deu-lhe o tiro através da janella aberta. As balas, só por si, bastariam para lhe pôr o baraço ao pescoço.

"Regressei immediatamente. O seu espião viu-me, e percebi logo que elle ia dar a saber a minha presença ao coronel; este não deixaria de ligar no seu espirito a minha chegada inesperada com o crime que acabava de commetter, e portanto, de sentir uma forte inquietação.

"Eu tinha a absoluta certeza de que havia de tratar de se desfazer de mim, e que para isso se serviria da sua arma homicida. Deixei-lhe na janella do meu quarto um alvo magnifico, depois de ter prevenido a policia de que talvez me fosse necessario o seu auxilio.

"Por isso o Watson viu os agentes de policia escondidos no portão. Vim para o nosso posto de observação que achei muito favoravel, sem me lembrar que elle havia de escolher o mesmo logar para o ataque. E agora, meu caro Watson, ainda falta explicar-lhe mais alguma coisa?

— Sim — respondi-lhe eu — Ainda me não disse qual o mobil que levou o coronel Moran a assassinar o *honorable* Ronaldo Adair?

— Ah! Meu bom Watson, aqui entramos no dominio das conjecturas, em que a logica pode facilmente falhar. Todos podem formar hypotheses sobre este assumpto, e as suas podem ser tão exactas como as minhas.

— Você com certeza já formulou alguma?

— Parece-me que os factos não são muito difficeis de explicar. Está provado pelo inquerito que o coronel Moran e o joven Adair, associados no jogo, ganharam uma importante quantia. Moran, sem duvida alguma, fez batota; tambem ha muito que eu sabia ser elle um trapaceiro. Creio que no dia do homicidio deve ter o Adair descoberto a fraude; não deixou de lhe falar nisso, em particular, ameaçando-o de revelar tudo, se elle não pedisse logo a sua demissão do Club, obrigando-o a nunca mais pegar numa carta. E' natural que um rapaz como Adair tivesse hesitado em suscitar um tal escandalo contra um homem tão conhecido, e muito mais idoso que elle; é por isso que elle muito provavelmente praticou o que acabo de expôr. A exclusão dos clubs seria a ruina de Moran, que só vivia dos lucros do seu jogo fraudulento.

"Eis a razão porque elle matou Adair no momento em que este tratava de apurar a quantia que tinha a restituir por não se querer aproveitar do procedimento do seu parceiro. Decerto se fechou por dentro, para não ser surprehendido por sua mãe e irmã, tendo assim de responder ás suas perguntas, emquanto escrevia os nomes, e contava o dinheiro. Não acha?

— Estou convencido que você atinou com a verdade.

— Seja isto ou não provado no processo, aconteça o que acontecer, o coronel Moran não torna a incommodar-nos; a famosa espingarda de vento de Von Herder irá augmentar a collecção de Scotland Yard, e mais uma vez Sherlock Holmes poderá dedicar a sua vida á investigações de pequenos problemas tão interessantes como numerosos na complicada vida de Londres!

FIM DA CASA VASIA

No proximo numero, do mesmo autor:

O COLLEGIO DO Dr. HUXTABLE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

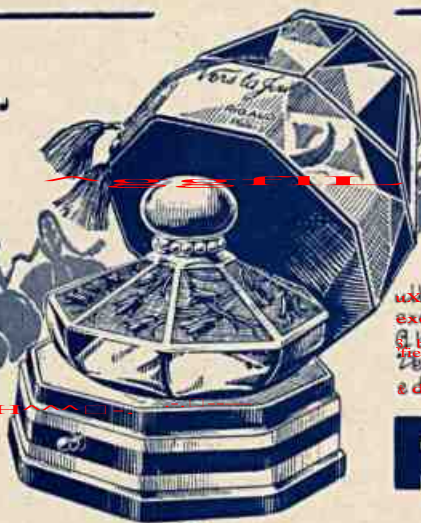
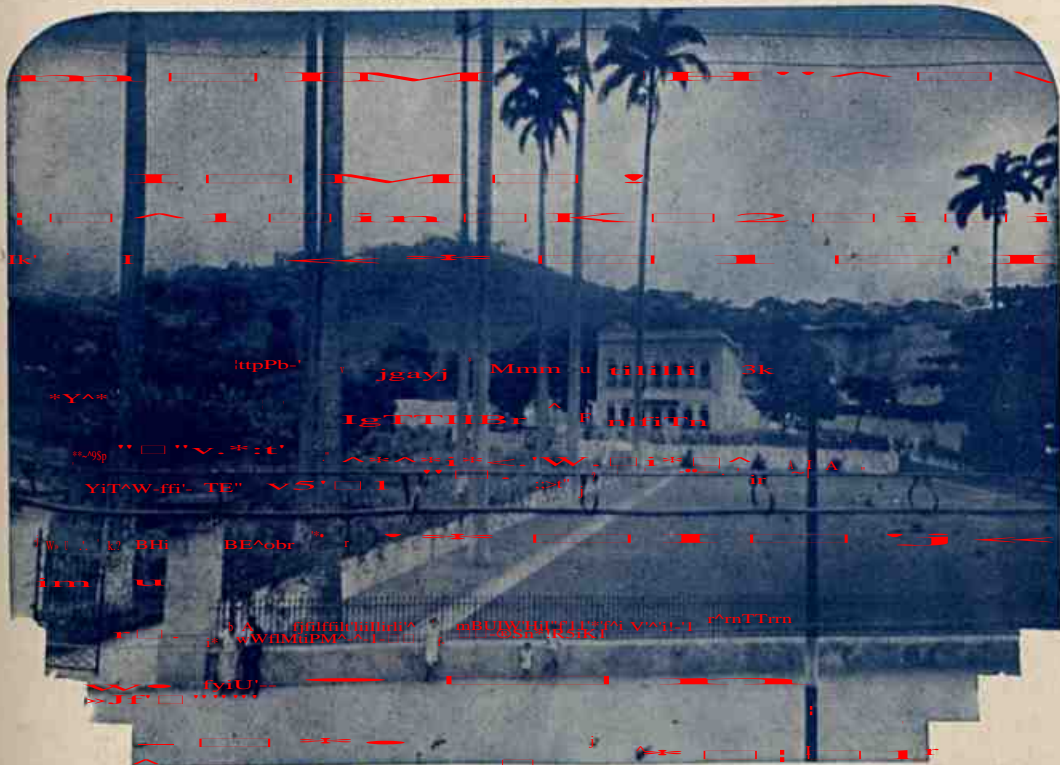
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: M. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

PO' DE ARROZ

ROYAL BRIAR

De qualidade extra fino.
É usado por todas as senhoras
elegantes.
É conhecido no mundo inteiro
ha mais de 100 annos

CAIXA 6$000

A' VENDA EM TODO O BRASIL